

SIGOLF GREUEL

RELIGIÃO E RELIGIOSIDADE NA PÓS-MODERNIDADE

Dissertação de Mestrado Profissionalizante

Para obtenção de Grau de Mestre em
Teologia
Escola Superior de Teologia
Instituto Ecumênico de Pós-Graduação
Religião e Educação

Orientadora: Laude Erande Brandenburg

São Leopoldo

2008

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

G836r Greuel, Sigolf
Religião e religiosidade na pós-modernidade / Sigolf
Greuel; orientadora Laude Erandi Brandenburg. – São
Leopoldo: EST/IEPG, 2008.
65 f.

Dissertação (mestrado) – Escola Superior de
Teologia. Instituto Ecumênico de Pós-Graduação.
Mestrado em Teologia. São Leopoldo, 2008.

1. Pós-modernismo – Aspectos religiosos.
2. Religiosidade. 3. Adolescentes – Aspectos religiosos.
4. Jovens – Aspectos religiosos. 5. Obras da Igreja junto aos
adolescentes. 6. Obras da Igreja junto aos jovens. I.
Brandenburg, Laude Erandi. II. Título.

RESUMO

Esta Dissertação se propõe a pesquisar em que medida os paradigmas da Pós-Modernidade influenciam na articulação da Religião e da Religiosidade e a buscar caminhos para uma ação pastoral com a Adolescência e a Juventude neste contexto. A primeira parte procura compreender as características do momento histórico em que vivemos. Resultado de uma evolução histórica, a Pós-Modernidade é herdeira da Modernidade Iluminista que colocou o ser humano no centro, como razão e medida de todas as coisas. Como tal, ela propõe um novo cotidiano, com uma nova configuração dos sujeitos, marcadamente individualista e narcisista, fortemente determinada pela economia de mercado. O esvaziamento do social por ela provocado resulta em uma peculiar articulação das relações humanas. A segunda parte constata que a Religião, relegada pelo Iluminismo a um plano absolutamente secundário, ressurge na atualidade com toda força, em uma grande variedade de expressões. Ela se articula como uma Religiosidade de arranjo pessoal, como resposta ao desencanto da Pós-Modernidade, através da qual os sujeitos buscam pela re-substancialização de suas individualidades e pelo sentido de sua existência. Por ser filha da Pós-Modernidade, a Religião corre o risco de assumir de modo alienante suas condicionantes, tornando-se antropocêntrica, fundamentalista e um mero produto do mercado neoliberal. A terceira parte constata a dificuldade em articular uma ação pastoral com a Adolescência e a Juventude em nossos dias, apesar de podermos observar nitidamente que a Religião está presente no seu imaginário. Ainda assim, buscamos articular algumas reflexões no sentido de mostrar que é possível proporcionar ao Adolescente e ao Jovem de nossos dias um lugar privilegiado, no qual eles possam ter um encontro consigo mesmos, com os outros e com o sagrado. Experiência esta que poderá se mostrar significativa na construção de sua identidade e na busca pelo sentido de sua existência. Apresentamos ainda alguns princípios que julgamos relevantes para uma ação entre Adolescentes e Jovens: Os princípios da Porta Aberta, da Mente Aberta, do Coração Aberto, da Bíblia Aberta e da Mão Aberta, inspirados na prática de Jesus e extraídos de seu encontro com um jovem. Concluimos com a descrição de algumas experiências no trabalho com Adolescentes e Jovens nas Comunidades do Sínodo Centro-Sul Catarinense, contexto desta pesquisa.

PALAVAS-CHAVE: Pós-Modernidade, Adolescentes e Jovens, Religião e Religiosidade.

ABSTRACT

The objective of this Dissertation is to research the dimension that Pos Modernity Paradigms influence the articulation between Religion and Religiosity, and to seek ways to a pastoral action with Adolescent and Youth in this context. The first part of this work tries to understand the characteristics in the historic moment that we live. Being result of a historical evaluation, Pos-Modernity comes from Enlightenment Modernity that has placed the human being at the center, as reason and measure of every thing. In this way, it proposes a new daily routine, with a new configuration of subjects, essentially individualistic and narcissistic, intensely determined for the market economy. The emptying of the social, produced for it, results in a peculiar articulation in human relationships. The second part verifies that Religion, relegated by the Enlightenment to an absolutely secondary dimension, rises again powerfully, in a large variety of expressions. It works as any Religiosity of personal arrangement, as a result of the disillusion with Pos Modernity, where subjects seek for a transformation in their individuality and a reason to exist. For having been created from the Pos Modernity, Religion runs the risk of assuming an alienating manner in its determinants, becoming anthropocentric, fundamentalist, and a mere product of the neo-liberal market. The third part analyses the difficulty in articulating a pastoral action with Adolescents and Youths in these days, although we can see clearly that Religion is present in their imaginary. Even though that, we articulate some reflexions in order to show that it is possible to proportionate to the Adolescent and Youth a privileged place where they can have a meeting with themselves, with another one, and with the sacred. This experience can be essential for the construction of their identity and for the seeking of their existing reason. This work also presents some principles that were considered important to an action with Adolescents and Youths: The principles of Open Door, Open Mind, Open Heart, Open Bible and Open Hand, inspired in the practice of Jesus and extracted from his meeting with a young man. We conclude with a description of some experiences in the work with Adolescents and Youths at the communities of the Center-South Catarinense Synod, context of this research.

KEY-WORDS: Postmodernity, Adolescent and Youth, Religion and Religiosity.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	06
1 A PÓS-MODERNIDADE	08
1.1 A Pós-Modernidade: Da Providência ao Nihilismo	08
1.2 Pós-Modernidade: da Desconstrução de um Discurso para um novo Cotidiano	12
1.3 A Pós-Modernidade como experiência de Dessubstancialização do Sujeito..	15
1.4 O Eu e o Outro: As Relações Humanas na Pós-Modernidade.....	16
1.5 Pós-Modernidade: consumo, logo existo	20
1.6 A Pós-Modernidade como Experiência de Desmobilização e Despolitização ao Esvaziamento do Social	21
2 A RELIGIÃO E A EXPERIÊNCIA RELIGIOSA NA PÓS MODERNIDADE	24
2.1 Religião e Religiosidade: Definições e Conceitos	24
2.2 O Ressurgimento da Religião na Pós-Modernidade	27
2.3 O Cotidiano da Religião na Pós-Modernidade em busca de um novo Discurso	29
2.3.1 Religião como experiência de Re-substancialização do Sujeito	30
2.3.2 Religião como busca pelo Sentido.....	31
2.3.3 Religião como Resposta ao Desencanto.....	33
2.4 Riscos da Religião na Pós-Modernidade	34
2.4.1 Religiosidade Antropocêntrica.....	35
2.4.2 Religiosidade Fundamentalista	37
2.4.3 Religiosidade como Produto de Mercado.....	38
2.5 A Opção Religiosa do Jovem na Pós-Modernidade	39
3 AÇÃO PASTORAL COM A ADOLÊSCENCIA E A JUVENTUDE.....	41
3.1 O Adolescente e o Jovem na Igreja Evangélica de Confissão Luterana	42
3.2 A Religião no Imaginário da Adolescência e da Juventude.....	44
3.3 A Adolescência e Juventude da Pós-Modernidade em busca de um LUGAR.....	47
3.4 O Grupo de Adolescentes e Jovens como LUGAR para vivenciar o Sagrado.....	50
3.5 Princípios para o Trabalho com Adolescentes e Jovens.....	53
3.6 Experiências de Trabalho com Adolescentes e Jovens	55
3.6.1 JE/Confirmandos: Ituporanga/SC	56
3.6.2 Missão Luterana Universitária: Florianópolis/SC	56
3.6.3 Projeto Floresta Feliz: Rio Antinhas, Petrolândia/SC	57
3.6.4 Grupo de Jovens: Opção Preferencial: Ituporanga/SC.....	57
3.6.5 Street Dance e Teatro: Palhoça/SC.....	58
CONCLUSÃO.....	60
REFERÊNCIAS.....	63

INTRODUÇÃO

Durante os estudos e discussões ocorridas no contexto do Mestrado Profissionalizante em Teologia com ênfase em Educação Comunitária com Infância e Juventude I, fui motivado para a reflexão em torno de nossa ação pastoral com a adolescência e a juventude. O pano de fundo desta reflexão foi a pesquisa em torno do modo pelo qual os paradigmas da pós-modernidade exercem influência na articulação da religião e da religiosidade em nossos dias. Três foram as motivações principais presentes na escolha do tema: Uma de ordem pessoal, outra de caráter profissional e uma terceira de âmbito comunitário.

A motivação pessoal brotou a partir do desafio que vem das Escrituras Sagradas: “E não vos conformeis com este século, mas transformai-vos pela renovação da vossa mente” (Romanos 12.2^a)¹, palavra esta que, no meu entender, motiva a superação de antigos e ultrapassados paradigmas, a sair da mesmice e a buscar novos horizontes de conhecimento e atuação.

A motivação profissional surge a partir da função que exerço atualmente como Pastor Sinodal do Sínodo Centro-Sul Catarinense. A Constituição da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil, artigo 23º, inciso V, descreve a minha tarefa, enquanto Pastor Sinodal, nos seguintes termos:

- a) Exercer a função de guia espiritual das Comunidades e dos Obreiros dos diversos ministérios que neles estiverem atuando;
- b) Zelar pela unidade de orientação doutrinária e pastoral da Igreja, no Sínodo;
- c) Dedicar-se de modo especial ao aprofundamento teológico e prático dos obreiros e colaboradores nos diversos ministérios, através de conferências, seminários, fóruns e estudos²

Entendo que a pesquisa a que esta Dissertação se propõe, se insere no contexto daquilo que a Constituição da IECLB espera dos Pastores Sinodais no exercício de sua função.

A motivação comunitária se fundamenta na hipótese de que, uma vez que pessoas e grupos ligados à IECLB no âmbito do Sínodo Centro-Sul Catarinense, constituídos

¹ A BÍBLIA SAGRADA, Tradução de João Ferreira de Almeida. ed. rev. e atual. Barueri: Sociedade Bíblica no Brasil, 2000.

² CONSTITUIÇÃO DA IECLB. 2. ed. Blumenau: Centro de Literatura da IECLB, 2005. p.5.

socialmente, vão, inevitavelmente, encontrar-se sob a influência dos paradigmas da pós-modernidade e neste contexto articulam a sua religiosidade. E a questão de fundo, que nos acompanha durante esta pesquisa é: em que medida os obreiros e lideranças da IECLB estão conscientes e conseguem compreender a realidade que estamos vivenciando, na medida em que articulam sua prática pastoral.

No âmbito do Sínodo Centro-Sul Catarinense, o trabalho com adolescentes e jovens foi escolhido como prioridade na gestão 2007-2010. É intenção do Conselho Sinodal investir maciçamente neste trabalho. Pretendemos criar as condições necessárias para que adolescentes e jovens possam articular sua religiosidade no contexto das comunidades eclesiais. Para tanto, há que se tomar em conta a realidade local como também a realidade global. Não podemos ignorar que somos filhos de nosso tempo.

Inicialmente, quero identificar os paradigmas da pós-modernidade e o que há de específico neste momento histórico em relação a outros períodos da trajetória humana. Em seguida, quero examinar em que medida os paradigmas da pós-modernidade exercem influência na articulação da religião e da religiosidade. E na sequência, quero refletir nossa ação pastoral com adolescentes e jovens para, a partir daí, dar início a um processo de construção de uma proposta de trabalho no âmbito do Sínodo Centro-Sul Catarinense.

A metodologia utilizada nesta pesquisa se valerá de uma ampla pesquisa bibliográfica, de visitas a grupos, de encontros com adolescentes e jovens bem como de diálogos com os membros do Conselho Sinodal da JE, no Sínodo Centro-Sul Catarinense.

1. A PÓS-MODERNIDADE

A prova de cada civilização está na espécie de homem e mulher que nela se produz.

Autor desconhecido

Vivemos em um momento histórico ao qual estamos nos habituando a denominar de pós-modernidade. Está surgindo um novo tipo de sociedade, totalmente diferente da que se conhecia até então. Uma nova realidade produzida por condicionantes culturais cuja presença se pode perceber em todo o arcabouço social, político, econômico e religioso da sociedade.

Esta realidade não é resultado do acaso. Própria em seu modo de se conceber, de ser (ou não-ser) e de se organizar (ou des-organizar), ela é fruto de uma evolução histórica. Uma evolução que registrou as tentativas humanas de construir o seu ethos, num esforço no sentido de organizar sua habitação pessoal e coletiva. Cada uma destas tentativas registradas ao longo da trajetória humana traz em seu bojo a inconformidade com as anteriores, com o mundo criado por nós, e a rigor, conosco mesmos. Cada nova etapa no desenvolvimento humano, a exemplo da pós-modernidade é, na realidade, uma reação inconformada da cultura ao modo como se desenvolveram no passado os ideais da humanidade em sua busca por uma maior humanidade. Cada nova tentativa ao longo da história é uma expressão de que, em muitos aspectos, temos sido incapazes de nos fazermos mais humanos.

1.1 A Pós-Modernidade: Da Providência ao Nihilismo

Para que, efetivamente, possamos entender o que está acontecendo conosco e com nossa habitação, precisamos observar as tentativas humanas, ao longo da história, no sentido de se fazerem mais humanos. Neste sentido, opto por abranger a história humana em três períodos: o período pré-moderno, o moderno e o pós-moderno.

O período da história humana que conceituamos como pré-modernidade foi determinado por uma visão conceitual denominada de doutrina da providência. Um dos principais expoentes a partir do qual se cristalizou esta visão foi Agostinho de Hipona, pensador cristão que viveu entre os anos 354 e 430. Esta doutrina influenciou de forma

contundente a civilização ocidental determinando todo o pensamento e o modo pelo qual a sociedade se organizou a partir de então.

A providência é o cuidado que Deus tem com o mundo depois da sua criação, supervisionando o processo da história de modo que esta avance numa linha em direção de um objetivo específico [...] A doutrina da providência nega qualquer movimento cíclico na história, inspirando uma esperança orientada para o futuro, em vez de resignação ou pessimismo³.

Segundo se entendia, o governo de Deus no universo levaria a um avanço e a um amadurecimento do ser humano e da vida humana. Criou-se a convicção de que, a partir de um movimento progressivo da história, haveria uma melhora natural da condição geral da humanidade. Esta melhora, no entanto, não veio.

Diante do insucesso da pré-modernidade com a sua confiança na providência divina, surge, a partir do final do século XVIII, no ocidente, um processo de racionalização, motivado pelo impacto do pensamento iluminista emergente. O surgimento de uma cosmovisão científica fez a humanidade acreditar que a capacidade criadora do ser humano, emancipado de Deus, poderia promover um avanço maior e mais rápido.

A frustração do projeto pré-modernista com a providência divina acabou não gerando o progresso esperado e fez com que a razão humana tomasse o lugar da intervenção divina como agente do progresso. A razão se propôs a conduzir a humanidade para a superação da incerteza e da ambivalência, libertando-a das trevas da superstição e do obscurantismo, e dos ditames da religião sob a qual ela se entendia escravizada. Denominou-se este período de modernidade, pelo fato de se crer que ele levaria à modernização da sociedade como um todo, incluindo a cultura, as relações sociais, econômicas e políticas.

A modernização cultural é o processo de racionalização das visões do mundo e especialmente da religião. Em consequência desse processo, vão se diferenciando esferas axiológicas (*Wertsphären*) autônomas, até então embutidas na religião: a ciência, a moral e arte. A ciência moderna permite o aumento cumulativo do saber empírico e da capacidade de prognose, que podem ser postos a serviço do desenvolvimento das forças produtivas⁴.

Esta nova visão de mundo que surge a partir da incapacidade do projeto pré-modernista em proporcionar o tão desejado bem-estar à humanidade, provoca uma guinada radical. O ser humano toma a história em suas mãos e ele se coloca a si mesmo no centro, como sujeito.

³ LYON, David. **A Pós-modernidade**. São Paulo: Paulus, 1998. p.14.

⁴ ROUANET, Paulo Sérgio. **As razões do iluminismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987. p. 231-232.

Com a modernidade, começa a gestar-se no mundo ocidental uma visão de cunho antropocêntrico, que coloca o ser humano como fundamento e medida de todas as coisas, afirmando o primado da razão e do progresso científico-técnico como critério único do progresso humano. Coerente e conseqüente com esta cosmovisão antropocêntrica prometética, desenvolveu-se a racionalidade científico-técnica como maneira única e universal para promover a transformação e a melhora da realidade⁵.

A religião como força determinante para a organização da sociedade perde seu lugar neste período. Na base e no fundamento desta nova era estão o primado e a absolutização da razão, da ciência e da técnica, como fontes únicas e indiscutíveis do conhecimento, tanto do mundo físico quanto da sociedade e da história, e como guia certo dos avanços tão sonhados para os indivíduos e para a sociedade. Somente o que é mensurável para a razão e pode ser verificado experimentalmente era considerado válido e verdadeiro. Neste pensamento e linguagem não cabem nem interessam os sentimentos, nem os valores, nem a procura de sentido, nem a espiritualidade, nem as utopias. Pois a racionalidade move-se no âmbito do prático, do útil e do verificável, e não dos valores e da gratuidade; do universal, não do particular; do uniforme, não do diferente. Enquanto único pensamento válido, a razão tem os caracteres da objetividade, da inteligibilidade, da necessidade e da universalidade.

Modernidade, portanto, se entende como a ordem social surgida a partir do iluminismo.

A modernidade abrange todas as mudanças significativas que aconteceram em muitos níveis desde o século XVI em diante, mudanças assinaladas pelas alterações que erradicaram os trabalhadores do campo e os transformaram em cidadãos industriais móveis. A modernidade questiona todos os modos convencionais de fazer as coisas, substituindo autoridades por seu próprio arbítrio, baseada na ciência, no crescimento econômico, na democracia ou na lei. E ela debilita o eu; se, na sociedade tradicional, a identidade é dada, na modernidade ela é construída. A modernidade começou a conquistar o mundo em nome da Razão; a certeza e a ordem social seriam erigidas sobre novas bases⁶.

Como um modo de organização da sociedade, a modernidade logrou alcançar uma predominância global, pois deixou suas marcas na maioria das culturas e povos. E é preciso reconhecer que houve avanços significativos da humanidade neste período, produzidos pelo fazer racional do ser humano, porque este acabou gerando e produzindo um avanço tecnológico sem precedentes, que acabou por beneficiar a humanidade.

Houve, no entanto, aspectos que merecem ser analisados com maior profundidade. A comunicação via satélite, por exemplo, um dos ícones da modernidade, trouxe mudanças

⁵ PERESSON T., Mario L.. Pedagogias e culturas. In: SCARLATELLI, Cleide C. da Silva; STRECK, Danilo R.; FOLLMANN, José Ivo (Org.). **Religião, cultura e educação**. São Leopoldo: Unisinos, 2006. Coleção Humanitas, p.97.

⁶ LYON, 1998, p. 37.

significativas para as relações humanas, produzindo novos paradigmas sociais, estabelecendo que “não precisamos mais de relacionamentos face a face para nos comunicar”⁷. Novas modalidades de relacionamentos à distância passaram a ser cultivados.

Além de uma nova formatação das relações humanas, o advento da tecnologia permitiu uma nova relação do ser humano com a máquina. Ocorreu a industrialização. A partir dela, “[...] aspectos como especialização, a uniformidade, a padronização, se tornaram características comuns da vida moderna”⁸, permitindo mais e mais o domínio sobre a máquina. A sociedade industrial resultante desta realidade produziu uma crescente divisão de trabalho, criando diferentes especialidades.

O trabalho passa a ser separado da casa, do lazer e da religião. O público e o privado são separados. Tarefas antes realizadas pela família ou pela igreja são assumidas pelas escolas, pelos hospitais e pelos meios de comunicação. A “adoção de uma atitude calculista com relação a um número cada vez maior de aspectos da vida”⁹ fomenta o processo de racionalização da sociedade que está em curso.

Como resultado da progressiva industrialização, acontece uma crescente urbanização visto que as populações se movem na direção dos centros industriais. E os ambientes urbanos produziram novos modos de ser e de viver:

Os habitantes da cidade se caracterizavam cada vez mais, [...] por sua atitude “blasé” e reservada. Eles dariam a impressão de, bem, urbanidade, pensando ser os condutores da civilização, mas distanciando-se dos relacionamentos, que podiam ser demasiadamente íntimos. A identidade não seria mais encontrada na comunidade local. A sociedade de estranhos tinha aparecido e florescia na cidade [...] a vida moderna era marcada mais por relações formais e contratuais do que pelas de *Gemeinschaft*, comunidade e comunalismo¹⁰.

Nesta nova configuração social, mais e mais se correu o risco de enxergar as relações humanas a partir de uma perspectiva mecânica. A dimensão do amor, da solidariedade e do afeto tende a desaparecer nesta constelação. A dignidade não é mais percebida como algo intrínseco à vida humana, mas está condicionada à utilidade que o ser humano tem na economia de mercado.

Em retrospectiva, se constata que, assim como a providência, também a razão, bússola da modernidade, falhou em conduzir a humanidade para o bem-estar sonhado e

⁷ LYON, 1998, p. 38.

⁸ LYON, 1998, p. 39.

⁹ LYON, 1998, p. 41.

¹⁰ LYON, 1998, p. 43.

prometido. Surge, assim, uma nova era denominada de pós-modernidade. Para Rouanet¹¹, a pós-modernidade não é uma época nova em relação à anterior, mas ela representa a radicalização da modernidade, pois aquela inclui todos os elementos desta e as tendências daquela nada mais são do que o prolongamento desta.

O fim da esperança alicerçada nos princípios iluministas traz consigo um discurso filosófico cuja reflexão leva a uma queda numa espécie de niilismo. A frustração do pensamento iluminista induziu a pensar que já não há esperança em relação ao futuro. E como nada há a esperar em relação ao futuro, instalou-se no ser humano o desejo de nada, a falta de valores para agir e a descrença em um sentido para a existência.

1.2 Pós-Modernidade: da Desconstrução de um Discurso para um novo Cotidiano

“O pós-modernismo desembarcou na filosofia em fins dos anos 60 com uma mensagem demolidora na mochila: *a Desconstrução do discurso filosófico ocidental*, da maneira como o Ocidente pensa (e age)”¹². A pós-modernidade representa uma frustração com o discurso iluminista e suas grandes idéias, que, apesar dos grandes avanços científicos que proporcionaram, mostraram-se incapazes de pôr fim às mazelas da sociedade e de produzir um estado de permanente bem-estar, edificado pela razão humana. “O pós-modernismo está associado à decadência das grandes idéias, valores e instituições ocidentais – Deus, Ser, Razão, Sentido, Verdade, Totalidade, Ciência, Sujeito, Consciência, Produção, Estado, Revolução, Família”¹³.

A partir disso, mais do que uma realidade já cristalizada, a pós-modernidade se constitui em um estado de espírito que vai se fazendo presente nos diferentes setores da vida humana. Ela se apossa do lugar até então ocupado pelas grandes filosofias e doutrinas que procuravam explicar a vida e a sociedade, apontando esperançosamente para o futuro. E a mensagem que ela traz consigo é que não há mais lugar para as ilusões que remetem a dias melhores no futuro.

Desde a Grécia antiga, as filosofias são discursos globais, totalizantes, que procuram os primeiros princípios e os fins últimos para explicar ordenadamente o Universo, a Natureza, o Homem. A pós-modernidade entrou nessa: ela é a valsa do adeus ou o declínio das grandes filosofias explicativas, dos grandes textos esperançosos como o cristianismo (e sua fé na salvação), o Iluminismo (com sua crença na tecnociência e no progresso), o marxismo (com sua aposta numa sociedade comunista). Hoje, os

¹¹ ROUANET, 1987, p.267-268.

¹² SANTOS, Jair Ferreira. **O que é pós-moderno**. São Paulo: Brasiliense, 1986. p. 71.

¹³ SANTOS, 1986, p.72.

discursos globais e totalizantes quase não atraem ninguém. Dá-se um adeus às ilusões¹⁴.

O filósofo Friedrich Nietzsche foi considerado pós-moderno já no final do século XIX, pois em sua elaboração filosófica deu início ao processo de desconstrução de valores e conceitos ocidentais até então tidos como absolutos: Fim, Unidade, Verdade. Segundo ele, “vendo-se abandonado no universo, o homem ocidental *projetou valores supremos* que lhe acalmassem a angústia, lhe justificassem a existência”¹⁵. A desconstrução de valores e conceitos tidos como absolutos ensejaria o surgimento de uma nova sociedade.

[...] ao propor que uma outra vida, lá no céu, seria o Fim do homem, o cristianismo negou a vida aqui na Terra e com ela negou o corpo, o prazer, a alegria, o presente. Além disso, um Deus punitivo plantou no coração do homem a culpa – sua flor mais nefasta. A suposta unidade do cosmos levou a ciência a opor o Homem (o conhecedor) à Natureza (o conhecido). Ao mesmo tempo, fragmentou a Natureza em campos de conhecimento (Física, Química, Biologia) e decretou, pela Matemática, a quantificação do mundo natural e social para tornar as coisas previsíveis, isto é, programáveis, matando assim a eterna novidade do futuro, o movimento sempre incerto com que jorra a vida. Escravizando-se à Verdade, enfim, o homem ocidental quis governar sua existência só pela Razão, que supostamente mergulha no ser das coisas, traça uma moral racional, quando na realidade a vida é também instinto e emoção, força e imaginação, prazer e desordem, paixão e tragédia. [...] Para superar o niilismo – que está pondo abaixo os valores supremos, alimenta o pessimismo e a fraqueza – a transvaloração de todos os valores, perseguida por Nietzsche ergueria uma cultura voltada para o prazer na alegria, o corpo integrado à imaginação poética, à arte, em suma. Nem a religião, nem a ciência, nem a filosofia, mas a arte, com sua embriaguez dos sentidos, enraizada no presente, mas aberta ao futuro, a arte seria o fio condutor para um novo estilo de vida. Neste estilo, quanto aos Fins: nada de Deus nem de Estado, mas cada um vivendo sem sobreviver, realizando o melhor de si como *obra de arte* aqui e agora. Quanto à Unidade: nada de conhecimento científico de programação, pois o cosmos, como a vida, é um jogo indefinido, aberto, sem direção e o *pluralismo*, isto é, diversidade das formas, dos caminhos é a sua lei. Quanto à Verdade, nada de conceitos universais e eternos, mas a sabedoria do corpo, o valor do erro e da ilusão, a afirmação segundo a *perspectiva* de cada um, o sujeito deixando-se rolar pelo tempo guiado pelo pragmatismo dos instintos, num ego a flutuar de experiência em experiência, sem se preocupar com uma identidade fixa.¹⁶

O que a filosofia de Friedrich Nietzsche propõe é o surgimento de um super-homem (Übermensch), cuja capacidade está acima do bem e do mal, do certo e do errado, do ódio e do amor, da vida e da morte. Como super-homem, ele vive em um estado de niilismo em toda sua radicalidade. Como tal ele assume o lugar de Deus, porque os céus estão vazios, pois Deus morreu. O ser humano escravizado aos ditames das eras passadas precisa ser superado pelo novo homem da atualidade, o super-homem¹⁷.

¹⁴ SANTOS, 1986, p. 72.

¹⁵ SANTOS, 1986, p. 75.

¹⁶ SANTOS, 1986, p. 76-77.

¹⁷ NIETZSCHE, Friedrich. **Also sprach Zarathustra: Ein Buch für alle und keinen.** 3. ed. Augsburg: Goldmann Verlag. 1996. p.11.

A superação de conceitos universais e absolutos, mais do que uma reflexão filosófica, se faria sentir também no nível do cotidiano da vida e das relações humanas. Um cotidiano que representa uma clara ruptura em relação ao período anterior da história.

Nestes anos 80, o pós-modernismo chegou aos jornais e revistas, caiu na boca da massa. Um novo estilo de vida com modismos e idéias, gostos e atitudes nunca dantes badalados, em geral coloridos pela extravagância e o humor (vide o *Planeta Diário*), brota por toda parte. Micro, videogame, vídeo-bar, FM, moda eclética, maquiagem pesada, new wave, ecologia, pacifismo, esportivismo, pornô, astrologia, terapias, apatia social e sentimento de vazio – estes elementos povoam a galáxia cotidiana pós-moderna, que gira em torno de um só eixo: o indivíduo em suas três apoteoses – consumista, hedonista, narcisista¹⁸.

Esta nova sociedade tem como característica a superficialidade e a ênfase no fragmentário em detrimento do todo. Sobrevoa-se sobre tudo e não se aterrissa em nada. Diante da ausência de referenciais confiáveis, instalou-se uma cultura do simulacro, onde existem apenas representações e simulações. O importante não é mais ser, o que vale é parecer. A simulação tem a hegemonia.

É um cotidiano em que a máquina foi substituída pela informação, a fábrica pelo *shopping center*, o contato de pessoa a pessoa pela relação com um vídeo. A estética impregna os objetos, para que eles se tornem mais atraentes. O apelo da publicidade estetizada envolve a personalização e a erotização do mundo das mercadorias: o homem é seduzido pelo objeto para se integrar no circuito do capitalismo como obra de arte. O mundo social se desmaterializa, passa e ser signo, simulacro, hiper-realidade¹⁹.

Como podemos perceber, a cultura da pós-modernidade é uma categoria onipresente e onicompreensiva, e que nos ajuda a compreender o ser humano de nossos dias bem como a estrutura social na qual ele se situa. Mesmo sem que as pessoas e sociedades o percebam, acabam tornando-se reféns deste novo jeito de viver e se organizar.

A pós-modernidade é um conceito multifacetado que chama a nossa atenção para um conjunto de mudanças sociais e culturais profundas que estão acontecendo [...] Tudo está englobado: uma mudança tecnológica acelerada, envolvendo as telecomunicações e o poder da informática, alterações nas relações políticas, e o surgimento de movimentos sociais, especialmente os relacionados a aspectos étnicos e raciais, ecológicos e de competição entre os sexos²⁰.

Mesmo que possamos entender a pós-modernidade como um aprofundamento da modernidade e um prolongamento dela, ela representa a chegada de um novo mundo com

¹⁸ SANTOS, 1986, p. 86.

¹⁹ ROAUNET, 1987, p. 233.

²⁰ LYON, 1998, p.7

transformações radicais quanto ao modo de o ser humano e a sociedade existirem e se organizarem. Com a pós-modernidade, um novo cotidiano está surgindo.

Propugna-se a chegada de uma nova sociedade na qual um novo sujeito, o super-homem, pode, ele mesmo, decidir sobre o bem e o mal, sobre vida e morte, sobre o que é útil e inútil, sobre o que é válido e inválido.

1.3 A Pós-Modernidade como experiência de Dessubstancialização do Sujeito

O ser humano é construído socialmente. A partir desse pressuposto, podemos compreender melhor o fato de que o espírito da pós-modernidade exerce influência decisiva sobre a constituição da identidade do sujeito em nossos dias. Ele é transformado em um sujeito autocentrado e apaixonado por si mesmo, e por conseqüência esvaziado e sem substância.

Na ambiência pós-moderna, espetáculo, simulação, sedução, constituem jogos com signos. A esse universo informacional, sem peso e desreferencialização, só pode corresponder um sujeito informatizado, leve e sem conteúdo. É o *Narciso dessubstancializado*. *Narcisismo* (amor desmedido pela própria imagem) e a *dessubstancialização* (falta de identidade, sentimento de vazio) resumem o sujeito pós-moderno. [...] Em sociedades movidas a informação acelerada, o sujeito também vira signo em alta rotação, sem substância por baixo. Os valores foram trocados pelos modismos, os ideais, pelo ritmo cotidiano. Saturado de consumo e informação, ele encosta-se ao conformismo, refletindo a famosa apatia pós-moderna. Sem laços ou impressões fortes, sua apatia logo cai na depressão e na ansiedade, ambas melancólicas. A melancolia, sentimento frio, é o último grau de apatia - *a doença da vontade* - prevista por Nietzsche para o homem ocidental quando ele fosse o andróide programado pela tecnociência. Temendo a robotização, mas sem projetos sua vida interior é sem substância. Absorvido em si e nostálgico, sempre a analisar-se como Narciso, sua sensação mais comum é de irrealidade²¹.

Ele é um sujeito que nutre o amor por si mesmo. A ausência de outros referenciais significativos faz com que ele mesmo seja o critério e a medida para fazer sua leitura de mundo e se inserir nele. Essa pobreza referencial compromete sua capacidade de discernir e sua pretensa autonomia não passa de ilusão, tornando-o um sujeito facilmente manipulável.

Enquanto a massa moderna era um bloco movido por interesses de classes e por idéias, na pós-modernidade ela é uma nebulosa de indivíduos atomizados, recebendo informação em separado. Ora, para motivar e controlar sujeitos atomizados, a autoridade e a polícia são secundárias. Basta bombardeá-los com mensagens que excitam seus desejos²².

²¹ SANTOS, 1986, p. 102-103.

²² SANTOS, 1986, p.95.

Deste modo, ele é um sujeito sem autonomia e sem liberdade para decidir por si mesmo e a respeito de si mesmo, mas sem que perceba é manipulado e seduzido pelo espírito da época. Tornou-se um prisioneiro dos seus próprios desejos. Vive em um mundo de ilusão, já que o ambiente pós-moderno é quase totalmente, pura ilusão.

A cultura da pós-modernidade produziu um cotidiano que pode ser identificado pelo descartável. Em tese, tudo passa a ser descartável. Não somente os objetos e a informação, mas também o sujeito, sem identidade, dessubstancializado, torna-se alguém descartável. Como resultado, passamos a viver em uma sociedade formada por pessoas com personalidades descartáveis.

O conjunto destes indivíduos dessubstancializados se configura como uma massa de consumidores sem consciência enquanto povo, etnia ou grupo social, completamente privada de subjetividade e de uma identidade.

[...] estamos passando de uma era de “grupos de referência” predeterminados a uma outra de “comparação universal”, em que o destino dos trabalhos de autoconstrução individual está endêmica e incuravelmente subdeterminado, não está dado de antemão, e tende a sofrer numerosas e profundas mudanças antes que esses trabalhos alcancem seu único fim genuíno: o fim da vida do indivíduo²³.

1.4 O Eu e o Outro: As Relações Humanas na Pós-Modernidade

O ser humano da pós-modernidade é condicionado a organizar sua vida em torno de si mesmo, de seus desejos, de suas vontades e de seus projetos, numa atitude de autocentramento, que tem como características principais o individualismo, o hedonismo e o narcisismo.

Nas últimas décadas, constituiu-se no Ocidente uma nova cartografia do social, em que a fragmentação da subjetividade ocupa posição fundamental. Essa fragmentação é não apenas uma forma nova de subjetivação, mas a matéria-prima por meio da qual outras modalidades de subjetivação são forjadas. Em todas as formas de construção da subjetividade, o eu se encontra situado em posição privilegiada²⁴.

Uma vez colocado em uma posição privilegiada o eu relega o outro a uma condição de indiferença, pois as coisas passam a ter prioridade em relação às pessoas e o ser humano organiza sua vida em função de si mesmo e de seus próprios interesses, sem considerar a situação do outro. Como a dimensão do individual é privilegiada, a relação de amor e de

²³ BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001. p. 14.

²⁴ BIRMAN, Joel. **Mal-estar na atualidade**: A psicanálise e as novas formas de subjetivação. 2 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000. p.23.

cuidado com o outro parece ser um mal a ser superado e as humanidades parecem tornar-se algo obsoleto.

A alucinante corrida pelo ter, pela posse, individualiza e individualizou o homem moderno ao redor de seus pertences. Vive em função das coisas, coisas materiais, coisas que valoriza ou a que tenta impingir valor. Corre desesperadamente atrás de uma condição econômica que lhe permita manter o arsenal material e o que diferencia dos outros seres, dos colegas de trabalho, dos vizinhos e do seu próprio ego [...]. Os valores que deveriam ser a essência de sua vida têm o mesmo caráter de suas coisas [...]. Talvez aí resida o espanto de que somos tomados ante as pessoas que admiramos que estão mais próximas de nós quando nos damos conta de que fomos descartados, substituídos, ignorados.²⁵

Criou-se uma espécie de cultura de massas que justifica este modelo de vida. Realidades fundamentais da humanidade até então como o amor, a política, a família, a religião e a ética são banalizadas. As relações humanas assumem um estilo “light”, comprometidas que foram pela paixão por si mesmo. Quando olhamos tão somente para nós mesmos, perdemos a dimensão da presença do outro. O hedonismo, caracterizado como a busca pelo prazer individual, é o que move as pessoas.

O hedonismo – moral do prazer (não de valores) buscada na satisfação aqui e agora – é sua filosofia portátil. E a paixão por si mesmo, a glamurização da sua auto-imagem pelo cuidado com a aparência e a informação pessoal, o entregam a um narcisismo militante. É o *neo-individualismo* decorado pelo *narcisismo*.²⁶

A busca pela própria satisfação faz com o outro seja ignorado. “Ignoramos em nossos dias completamente a alteridade da vivência dos valores da vida, o que nos transforma em pessoas potencialmente geradoras de conflitos”²⁷. E em virtude dos referenciais da pós-modernidade que priorizam o ter, a mercadoria e a produção, perdemos de modo crescente nossa capacidade de nos relacionarmos com o outro.

No processo de sua produção, aumenta a competição, com a finalidade de melhorar a mercadoria, não a relação entre os humanos [...] É preciso ter empreendedorismo para gerar novos produtos, não novas relações humanas, novos conceitos de dignidade e de humanidade. A racionalidade humana se transforma em irracionalidade [...] Há uma crescente perda da experiência humana. Uma crescente condição de incomunicabilidade entre os sujeitos, eis que estes, em sua essência, se comunicam de forma mais eficaz com os objetos [...] Perdemos a capacidade de autodeterminação, de experienciar relações [...]. Construimos relacionamentos de troca de mercadorias, de coisas, mas não de experiências vitais. Perdemos, efetivamente, o horizonte teológico, transcendental, orientador e humano. Perdemos a condição humana de nos emocionar, de nos sensibilizar pela condição do outro²⁸.

²⁵ THUMS, Jorge. **Ética na educação**: filosofia e valores na escola. Canoas: Ulbra, 2003. p. 43.

²⁶ SANTOS, 1986, p. 87

²⁷ THUMS, 2.003, p. 44.

²⁸ THUMS, 2.003, p. 38-39.

Como conseqüência da crescente perda de capacidade de se relacionar com os outros, o ser humano compromete sua capacidade de se relacionar consigo mesmo e de se constituir a si de modo equilibrado e saudável. Ele passa a ter dificuldade para perceber ao outro, para reconhecê-lo como seu igual, para ouvi-lo e para estabelecer relações fundamentais de troca e de solidariedade, através das quais ele acaba também constituindo a si mesmo.

Talvez tenhamos encontrado algumas explicações que caracterizam as constantes fugas do homem moderno de si mesmo. É preciso criar ambientes ruidosos, alucinantes, multicoloridos e supertentadores para alocar nosso modo de viver e suportar a falta de sentidos e significados da vida [...] Toda espécie de ruído contribui para a dispersão e não para o encontro²⁹.

Na fuga do encontro com o outro e consigo, o ser humano se refugia num mundo ilusório de luzes, cores e ruídos artificialmente produzidos. Em busca da utopia de que em si mesmo e somente em si há de encontrar sentido, ele experimenta o desencanto dos desencontros. E como resultado deste espírito que subjogou a consciência da atualidade, o ser humano é dominado pelo narcisismo, pelo hedonismo e pela cultura do espetáculo.

Os destinos do desejo assumem, pois, uma direção marcadamente exibicionista autocentrada, na qual o horizonte intersubjetivo se encontra esvaziado e desinvestido das trocas inter-humanas. Esse é o trágico cenário para a implosão e a explosão da violência que marcam a atualidade [...] A auto-exaltação desmesurada da individualidade no mundo do espetacular fosforescente implica a crescente volatilização da *solidariedade*. Enquanto valor, esta se encontra assustadoramente em baixa. Cada um por si e foda-se o resto parece ser o lema maior que define o *ethos* da atualidade, já que não podemos, além disso, contar mais com a ajuda de Deus em nosso mundo desencantado³⁰.

Com o olhar voltado unicamente para si mesmo, e com uma busca desenfreada do próprio prazer e da própria satisfação, o outro perde importância e sentido no horizonte humano. O único compromisso que o ser humano assume é o compromisso consigo mesmo. “Compromissos do tipo “até que a morte nos separe” se transformam em contratos do tipo “enquanto durar a satisfação”³¹. O único sentido da existência do outro está no fato de ele ser encarado como alguém que está aí para ser explorado e espoliado, alguém que serve como objeto de prazer.

E é justamente a ausência do outro e de Deus no horizonte humano que transforma o cotidiano da pós-modernidade em terreno fértil para o surgimento da violência, em suas mais diferentes manifestações, conforme se pode perceber em nossa realidade atual.

²⁹ THUMS, 2.003, p. 40.

³⁰ BIRMAN, 2.000, p. 24-25.

³¹ BAUMANN, 2001, p.187.

O que justamente caracteriza a subjetividade na cultura do narcisismo é a impossibilidade de poder admirar o outro em sua diferença radical, já que não consegue se descentrar de si mesma. Referido sempre a seu próprio umbigo e sem poder enxergar um palmo além do seu próprio nariz, o sujeito da cultura do espetáculo encara o outro apenas como um objeto para seu usufruto. Seria apenas no horizonte macabro de um corpo a ser infinitamente manipulado para o gozo que o outro se apresente para o sujeito no horizonte da atualidade [...] Com isso, as relações inter-humanas assumem características nitidamente agonísticas, de uma maneira perturbadora. Na ausência de projetos sociais compartilhados, resta apenas para as subjetividades os pequenos pactos em torno da possibilidade de extração do gozo do corpo do outro, custe o que custar. Este é o cenário para a estridente explosão de violência na cultura da atualidade, que assume assim não apenas diversas formas, mas também configurações inéditas [...] Saquear o outro, naquilo que ele tem de essencial e inalienável, se transforma quase no credo nosso de cada dia³².

A partir dessa premissa, não importa o outro, pois somente o que importa é o engrandecimento de si mesmo e da própria imagem e o outro somente é útil na medida em que ele é necessário para a exaltação desta imagem. A incapacidade adquirida pelo ser humano da pós-modernidade de admirar o outro em sua diferença radical, de conviver em uma relação equilibrada e saudável com o outro, empobrece tremendamente o convívio humano. Pois ele não é mais compreendido como uma relação de sujeito – sujeito e sim como de sujeito – objeto. Cria-se a ilusão de que os outros sujeitos, vistos como objetos, podem ser manipulados a bel-prazer.

Examinando o campo social da atualidade, pode-se constatar, sem muita dificuldade, que o autocentramento do sujeito atingiu limiares impressionantes e espetaculares, se o compararmos com os momentos antes da história do Ocidente quando se instituiu e se reproduziu a visão individualista do mundo. Partindo dos pressupostos desta, o individualismo, como autocentramento absoluto do sujeito, atingiu seu cume e limiares até então impensáveis. Nas condições atuais daquele, a alteridade tende ao apagamento e quase ao silêncio na economia do sujeito [...] Além disso, o autocentramento se evidencia no registro sexual, nas formas corriqueiras pelas quais o indivíduo realiza a predação do corpo do outro [...] Constitui-se aqui a manipulação do outro como técnica de existência para a individualidade, maneira privilegiada para a exaltação de si mesmo. Com efeito, não importam mais os afetos, mas a tomada do outro como objeto de predação e gozo, por meio do qual se enaltece e glorifica³³.

O ser humano da pós-modernidade, profundamente influenciado pelo vídeo, pelo hedonismo e pelo consumismo, transformou-se em alguém profundamente narcisista e completamente esvaziado de subjetividade, com a total extinção dos espaços de intimidade³⁴. Os seres humanos foram transformados em um “[...] rebanho humano imbecilizado pelo

³² BIRMAN, 2.000, p. 25.

³³ BIRMAN, 2.000, p.166-167.

³⁴ ROUANET, 1987, p.257-258

conformismo [...] programados pela tecnociência eletrônica para pensar os mesmos pensamentos e comprar as mesmas mercadorias”³⁵.

1.5 Pós-Modernidade: consumo, logo existo

A cultura de massas que se instalou no cotidiano da pós-modernidade, tende a fomentar os pilares da ideologia neoliberal, na medida em que incentiva a exasperação do consumo, a competitividade, o êxito individual e a eficiência do mercado. Ela criou uma série de padrões de comportamento e condutas de moda que se implantam e se descartam com uma velocidade impressionante. Se Descartes acreditava “penso, logo existo”, o sujeito da pós-modernidade pensa “consumo, logo existo”. A indústria cultural impõe seus modelos de vida e padrões de consumo, diante dos quais o sujeito da pós-modernidade, com uma identidade des-substanciada é incapaz de resistir.

As modas vêm e vão com velocidade estonteante, todos os objetos de desejo se tornam obsoletos, repugnantes e de mau-gosto antes que tenhamos tempo de aproveitá-los. Estilos de vida que são “chiques” hoje serão amanhã alvos do ridículo³⁶.

O sujeito da pós-modernidade, a pretexto de encontrar sua autonomia e liberdade, tornou-se refém do consumo. A cultura do consumo na qual ele se encontra inserido, forja sua identidade a ponto de não mais conseguir encarar o mundo e as pessoas que vivem no mundo isento de uma perspectiva consumista.

A precariedade da existência social inspira uma percepção do mundo em volta como um agregado de produtos para consumo imediato. Mas a percepção do mundo, com seus habitantes, como um conjunto de itens de consumo, faz na negociação de laços humanos duradouros algo excessivamente difícil³⁷.

Esta postura consumista acaba exercendo influência sobre o modo de como o ser humano lida com o outro. A consumização do mundo determina a desintegração dos laços humanos. Este estado de coisas acaba incapacitando para as relações familiares e afetivas estáveis e duradouras. O individualismo triunfa criando um horizonte sombrio no qual predomina um sistema que gera uma minoria forte que subsiste à custa do trabalho de uma maioria fraca. O consumismo produz uma lógica da exclusão na qual os homens têm primazia

³⁵ ROUANET, 1987, p.259.

³⁶ BAUMAN, 1981, p.186.

³⁷ BAUMAN, 1981, p.188.

sobre as mulheres, os brancos sobre os negros, os ricos sobre os pobres, os jovens sobre os velhos e os consumidores sobre os não consumidores.

Neste horizonte surge uma nova espécie de individualismo.

Em contraste com o individualismo moderno, forjado pelo liberalismo econômico do século XVIII, e que era burguês, progressista, tenso, o neo-individualismo atual é consumista e descontraído, mantendo relações muito especiais com a sociedade pós-industrial, sua mãe dileta [...]. As sociedades pós-industriais, planejadas pela tecnociência, programam a vida social nos seus menores detalhes, pois nelas tudo é mercadoria paga a uma empresa privada ou estatal, seja um telex em banco ou uma hidromassagem. Sendo economias muito ricas, que tem como única meta a elevação constante do nível de vida, elas deixam ao indivíduo a opção de consumir entre uma infinidade de artigos, mas não a opção de não consumir [...]. Além disso, há o apelo constante do novo. Viver é estar de mudança para a próxima novidade. Com uma gama enorme de bens e serviços, para todas as faixas e gostos, a seu alcance, só resta ao indivíduo escolher entre eles e combiná-los para marcar fortemente sua individualidade. Embora a produção seja massiva, o consumo é personalizado (vide o cheque “personalizado”). Assim, o sistema propõe, o indivíduo dispõe. É o pleno conformismo e o sistema parece triunfar de cabo a rabo³⁸.

Neste ambiente, o ser humano não somente encara o mundo e o outro numa perspectiva consumista, mas passa a compreender a si mesmo a partir dela. O mundo foi transformado em um grande mercado, no qual se mercantiliza tudo. Não apenas objetos e coisas, mas também animais e pessoas. E esta lógica predominante exerce sua influência sobre o modo como o ser humano constrói sua identidade e compreende seu agir no mundo.

O homem, vivendo em uma economia mercantilista, considera-se uma mercadoria. Está dissociado do que deseja vender. Por certo que ele está interessado em si mesmo, imensamente interessado em seu sucesso no mercado, mas Ele é o administrador, o empregador, o vendedor, e a mercadoria³⁹.

Neste contexto, nesta sociedade de consumidores, o discurso da qualidade total é o parâmetro para determinar qual vida humana é bem sucedida e que vale a pena existir.

1.6 A Pós-Modernidade como experiência de Desmobilização e Despolitização ao Esvaziamento do Social

O autocentramento do ser humano da atualidade foi levado a tal radicalização, que se verifica uma desmobilização e despolitização dos indivíduos. Percebe-se um esvaziamento do social. Assembléias bem freqüentadas são uma raridade em qualquer contexto. As causas e as coisas públicas parecem não atrair mais a atenção e o interesse.

³⁸ SANTOS, 1986, p. 87-88.

³⁹ FROMM, Erich. **Análise do Homem**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986. p.121.

O individualismo exacerbado está conduzindo à *desmobilização* e à *despolitização* das sociedades avançadas. Saturada de informação e serviços, a massa começa a dar uma banana para as coisas públicas. Nasce aqui a famosa indiferença, o discutido desencanto das massas ante a sociedade tecnificada e informatizada. É a sua colorida apatia frente aos grandes problemas sociais e humanos⁴⁰.

Percebe-se que o ser humano da pós-modernidade assume uma postura de desertor⁴¹. Desertor do social na medida em que adota este neo-individualismo e que resulta em desmobilização e despolitização, o que acaba gerando um esvaziamento das instituições sociais. Ao mesmo tempo, ele transforma-se num desertor da história, pois ao invés de crer num projeto histórico de futuro, ele se concentra em projetos individuais pelos quais hiperprivatiza sua vida. Também ocorre uma deserção política e ideológica, pois ele não se envolve mais nas grandes causas sociais e políticas, mas opta por causas transpolíticas, preferindo movimentos nos quais não precisa assumir compromissos de longo prazo. “Não me comprometa”, parece ser o seu lema.

Ocorre também uma deserção do trabalho, pois o sujeito não crê mais no trabalho como fonte de auto-realização e de construção de um futuro melhor. Não raras vezes, o trabalho é encarado como mal necessário. Troca-se de trabalho com frequência, o que denuncia uma relativa falta de comprometimento com o mesmo. Soma-se a isso o fato de que, na atualidade, simplesmente não há empregos suficientes para todos, empurrando significativas parcelas da população para a marginalidade.

Percebe-se ainda a deserção da família. Ela deixou de ser o foco existencial do indivíduo pós-moderno. Relações abertas e descompromissadas parecem ter-se tornado mais interessantes.

Em 22/04/84 o jornal *Lê Monde* publicou o retrato falado do novo egoísta em ação: Pragmatismo e cinismo. Preocupações a curto prazo. Vida privada e lazer individual. Sem religião, apolítico, amoral, naturista. Narcisista. Na pós-modernidade o narcisismo coincide com a deserção do indivíduo cidadão, que não mais adere aos mitos e ideais de sua sociedade⁴².

A cultura do “self” predomina e parece que veio para ficar. Ela traz consigo um sentimento de desinteresse, de indiferença e de frieza. Criou-se um ser humano para quem, em se tratando do outro ou do coletivo, “tanto faz”. Ele “não é contra nem a favor, muito antes pelo contrário”.

⁴⁰ SANTOS, 1986, p.88.

⁴¹ SANTOS, 1986, p. 92-94.

⁴² SANTOS, 1986, p. 101.

Até há pouco a massa moderna era industrial, proletária, com idéias e padrões rígidos. Procurava dar um sentido à História e lutava em bloco por melhores condições de vida e pelo poder político. Crente no futuro, mobilizava-se para grandes metas através de sindicatos e partidos ou apelos nacionais. Sua participação era profunda (basta lembrar as duas guerras mundiais). A massa pós-moderna, no entanto, é consumista, classe média, flexível nas idéias e nos costumes. Vive no conformismo em nações sem ideais e acha-se seduzida e atomizada (fragmentada) pelos mass media, querendo o espetáculo com bens e serviços no lugar do poder. Participa, sem envolvimento profundo, de pequenas causas inseridas no cotidiano – associações de bairro, defesa do consumidor, minorias raciais e sexuais, ecologia ⁴³.

Através de uma série de deserções, o ser humano de nossos dias recolhe-se em sua individualidade e assume uma atitude de apatia em relação a tudo o que transcenda o universo, por ele criado, de interesses pessoais e imediatos. Como se estivesse desistindo de qualquer ideal de vida coletiva, de braços cruzados, assiste à explosão social e à crescente incidência de violência ao seu redor. Até que ela chegue ao limiar de sua própria porta.

⁴³ SANTOS, 1986, p.89-90.

2. A RELIGIÃO E A EXPERIÊNCIA RELIGIOSA NA PÓS-MODERNIDADE

A religião nunca foi tão poderosa ou tão perigosa quanto hoje.

Autor desconhecido

2.1 Religião e Religiosidade: Definições e Conceitos

Pretender estabelecer conceitos e definições neste período da pós-modernidade, que determinou o fim das metanarrativas ensejando o surgimento de uma nova era de pluralismos em oposição aos absolutos, pode parecer uma postura arrogante típica dos tempos da modernidade, profundamente marcada pelas certezas do iluminismo e da racionalidade científica. Um estado de fluidez se apossou das certezas que nos foram legadas pelo período anterior da história, e toda a sua segurança cedeu lugar a um estado de coisas no qual não mais existem verdades definitivas. Já não ousamos imaginar a realidade construída sobre um único fundamento ou sobre verdades imutáveis. Vivemos no reino do fragmento.

Os pressupostos racionais da modernidade afetaram o fenômeno da religião. Ela não conseguiu se manter à margem da avalanche de transformações na cultura e na sociedade que o iluminismo provocou. Este período produziu uma nova consciência nos sujeitos de então, a ponto de transformar as categorias mentais dos fiéis e a própria consciência religiosa. Neste período, o ser humano passou a ser encarado como “[...] a origem, o centro e o termo final da religião. O que era efeito será causa, e a causa será efeito. Deus é um produto humano, porque é a condição humana que dá origem à religião.”⁴⁴.

Na atualidade pós-moderna, constatamos que as metanarrativas de caráter religioso e o discurso a respeito de um fim da metafísica proclamado pelo iluminismo estão se derretendo, como de resto, outras verdades consideradas absolutas até então. Percebemos que todas as estruturas da sociedade se fazem menos rígidas, possibilitando o surgimento de uma sociedade cada vez mais complexa. Não há mais espaço para absolutos e nem para verdades eternas. Ainda assim, conscientes da realidade na qual estamos inseridos, em toda a sua

⁴⁴ CASTIÑEIRA, Àngel. **A experiência de Deus na pós-modernidade**. Petrópolis: Vozes, 1997. p.70.

fluidez, precisamos ousar articular algumas definições a respeito do significado de religião, religiosidade e experiência religiosa.

Rudolf Otto⁴⁵ entende que a religião se cria, na experiência do ser humano com o sagrado. Para ele, o sagrado é uma categoria que demonstra a manifestação do *numen*, o poder divino. A essência de qualquer religião é a experiência de uma realidade outra, um outro absoluto, completamente diferente de qualquer experiência humana. Este fenômeno se constitui em uma realidade absolutamente diferente da natural, cujas características são de um “*mysterium tremendum*”. Já a religiosidade é um comportamento responsivo à experiência do numinoso, do inquietante, que ao mesmo tempo fascina e assusta. Assim, podemos entender a religiosidade como o modo pelo qual esta resposta do ser humano ao sagrado se articula.

Para Bauman, religião “[...] é o nome que damos à atividade que nos permite sentir que estamos em contato com esse mundo numênico além de nós próprios, que indubitavelmente é um mundo da imaginação, da fantasia projetada e da sensibilidade do espírito inconsciente”⁴⁶. As coisas e os seres sagrados, assim se crê, protegeriam o indivíduo e seu grupo, enquanto os seres e coisas profanas seriam os elementos submetidos a privações próprias de quem vive no mundo profano. Os ritos prescritos pela crença que sustenta esta divisão dualista do mundo são o modo pelo qual alguém que se encontra no espaço profano pode entrar em contato com os seres sagrados e o ambiente em que se encontram. O sagrado representa um anseio de poder que o ser humano por si só não possui, uma energia que agiria sobre a realidade profana na qual ele se encontra. A religião representa a consciência da insuficiência humana, e ele é vivida na admissão da fraqueza.

Assim, o ser humano experiencia a existência de duas realidades, uma sagrada e outra profana. A profana é aquela na qual ele vive e a sagrada é aquela que procura alcançar. A religiosidade é o que o coloca em contato com a realidade do sagrado. Para Bauman “[...] a religiosidade não é, afinal, nada mais do que a intuição dos limites até os quais os seres humanos, sendo humanos, podem agir e compreender”⁴⁷. Ela consiste num processo no qual as pessoas estabelecem relações com a realidade e os poderes que ele considera sobre-humanos e transcendentais, nas quais se estabelece uma relação de dependência. A religiosidade é a expressão de que a consciência humana registra uma relação com o inefável, em que demonstra confiança para com estes poderes que lhe são transcendentais.

⁴⁵ OTTO, Rudolf. **O sagrado**: os aspectos irracionais na noção do divino e sua relação com o racional. São Leopoldo: Sinodal/EST; Petrópolis: Vozes, 2007. p.37-63.

⁴⁶ BAUMAN, Zygmunt. **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998. p.207.

⁴⁷ BAUMAN, 1998, p.208.

A experiência religiosa implica, em primeiro lugar [...] uma ruptura de nível ontológico, a passagem de um umbral, uma separação radical do círculo das experiências habituais intramundanas que nos introduz numa realidade totalmente diferente que é o âmbito do sagrado, do transcendente, o âmbito do Mistério⁴⁸.

Esta experiência religiosa pode se expressar de múltiplas formas, seja por intermédio de emoções, como confiança e medo; através de conceitos como moral e ética; seja através de ações como cultos, rituais, reuniões e até festividades. São modos pelos quais o encontro do profano com o sagrado, se materializam. Uma experiência na qual o elemento humano acredita ter oportunidade de transcender seu nível de ser e existir.

De que forma o sagrado passa a se articular no ser humano e de que modo a experiência religiosa se verifica ao nível do humano? De que maneira alguém se torna religioso?

Identificamos três diferentes correntes como tentativas de resposta a estes questionamentos: A religiosidade como resultado da ação de Deus; a religiosidade como parte integrante da natureza humana e como resultante do ambiente social⁴⁹.

- a) Religiosidade como resultado da ação do sagrado: Nesta corrente, a religiosidade se articula a partir da revelação do sagrado. Nesta compreensão, a religiosidade não é algo que possa ser ensinado e para o qual se possa ser educado. Ela depende de uma revelação externa.
- b) Religiosidade como parte integrante da natureza humana: O ser humano é considerado como um *homo religiosus*. Pelo fato de ele ser alguém divino, em sua origem, considera-se que a religiosidade lhe seja inata, como elemento constitutivo de seu ser. A partir daí, cedo ou tarde, a religiosidade há de se articular no ser humano natural e necessariamente.
- c) Religiosidade como resultante do ambiente social: Esta vertente parte de um determinado pressuposto:

Vygotsky afirma que as características tipicamente humanas não estão presentes desde o nascimento do indivíduo, nem são mero resultado das pressões do meio externo. Elas resultam da *interação dialética* do homem e seu meio sócio cultural. Ao mesmo tempo em que o ser humano transforma o seu meio para atender suas necessidades básicas, transforma-se a si mesmo⁵⁰.

⁴⁸ CASTIÑEIRA, 1997, p.176.

⁴⁹ FRAAS, Hans Jürgen. Teorias sobre a religiosidade. In: SCARLATELLI, Cleide C. da Silva; STRECK, Danilo R.; FOLLMANN, José Ivo (Org.). **Religião, Cultura e Educação**, São Leopoldo: Editora Unisinos, Coleção Humanitas, 2006. p.41-46.

⁵⁰ REGO, Tereza Cristina. **Vygotsky: Uma perspectiva histórico-cultural da educação**. Petrópolis: Vozes, 2001. p.41.

O mesmo fenômeno ocorre com a religiosidade. Segundo esta posição, ela não nasce da natureza, mas da cultura. O ambiente da família e da sociedade é o lugar no qual a experiência e o comportamento religioso são construídos de modo dialético, através da socialização.

Independentemente se adotarmos de forma específica uma das três correntes aqui brevemente expostas, ou se considerarmos cada uma delas como um fragmento da verdade a respeito do assunto em questão, o que se percebe é que há um visível declínio das grandes religiões. O que não significa que o discurso da morte de Deus tenha logrado êxito em decretar o fim das religiões e da religiosidade. O que se observa é que enquanto as grandes religiões encolhem, a religiosidade infla na forma de uma infinidade de pequenas expressões, e que estas, em sua própria essência, parecem ser extremamente sensíveis a mutações e deslocamentos em seus significados, dependendo do ambiente e do contexto no qual florescem.

Quando tudo parecia anunciar os funerais de Deus e o fim da religião, o mundo foi invadido por uma infinidade de novos deuses e demônios, e um novo fervor religioso, que totalmente desconhecíamos, tanto pela sua intensidade quanto pela variedade de suas formas, encheu os espaços profanos do mundo que se proclamava secularizado⁵¹.

2.2 O Ressurgimento da Religião na Pós-Modernidade.

A articulação de uma cultura no período da modernidade que dispensou a metafísica e a constituição de uma sociedade com os paradigmas do iluminismo, construído sobre bases científicas, teoricamente parecia estar decretando o fim da religião. O futuro, assim se pensava, seria construído, não mais pela ação de Deus e sim pelo *Übermensch*, por meio do avanço científico, pois a “modernidade substituiu o mais além celestial por um mais além terreno em que se satisfariam ilimitadamente todas as necessidades dos indivíduos”⁵².

Mas ao mesmo tempo em que anunciava a morte de Deus, Nietzsche profetizava que a sua sombra continuaria a se projetar sobre o mundo e por sobre a humanidade⁵³. Parecia estar prevendo que o discurso da morte de Deus e da superação da metafísica não impediria que, num futuro próximo, a religião ressurgisse das cinzas.

⁵¹ ALVES, Rubem. **O Enigma da Religião**. Campinas: Papiros, 1988. p. 36.

⁵² CASTIÑEIRA, 1997, p.160.

⁵³ VATTIMO, Gianni. **Depois da Cristandade: por um cristianismo não religioso**. Rio de Janeiro – São Paulo: Record, 2004. p.19.

Na realidade, a razão moderna não conseguiu eliminar a experiência religiosa da vida das pessoas. Ao contrário do que poderia se esperar, a pós-modernidade permitiu uma inusitada expansão e diversificação de expressões religiosas e formas de religiosidade. O saldo da modernidade foi o rompimento com as instituições sociais e religiosas e o abandono da pessoa humana à sua própria consciência e à mercê de sua liberdade. E esta condição na qual o iluminismo colocou o ser humano, fez com que este reagisse no pleno uso de sua liberdade, e produzisse uma infinidade de manifestações religiosas jamais vistas até então.

Assim, não mais foram dignas de crédito as metanarrativas [...] com isso o “Deus moral, isto é, o fundamento da metafísica, morreu e foi enterrado [...] foi a própria morte deste Deus o que abriu o caminho para uma vitalidade renovada da religião [...] E, pois bem, hoje parece que um dos principais efeitos filosóficos da morte do Deus metafísico e do descrédito geral, ou quase, em que caiu todo o tipo de fundamento filosófico, foi justamente o de ter criado um terreno fértil para uma possibilidade renovada da experiência religiosa.[...] É um pouco como se, no final, Nietzsche tivesse razão ao preconizar a criação de muitos novos deuses: na Babel do pluralismo de fins da modernidade e do fim das metanarrativas, se multiplicam as narrativas sem um centro ou uma hierarquia⁵⁴.

A pós-modernidade assiste ao ressurgimento da religião com toda a força. Verdade é que não se pode dizer que quem está ressurgindo é a mesma religião dos períodos da providência ou da modernidade. Ela se articula em formas tão diversas e peculiares em comparação ao passado, ao ponto de parecer outra religião.

As expressões de religiosidade que vemos surgir seguem à risca o caráter pluralista que caracteriza a cultura de nosso tempo. Expressões as mais diversas e até estranhas tornam-se comuns e em nosso cotidiano somos confrontados por elas. Suas representações são as mais diversas: um mosteiro com homens recolhidos e afastados da realidade, se auto-flagelando em penitências; pessoas sentadas em roda, na posição de meditação, buscando fazer uma ponte entre seu eu mais profundo e as energias do universo; um auditório repleto de crentes diante de um pastor - mais parecido com um animador de auditório - fazendo promessas para a solução imediata de quaisquer problemas em troca de ofertas financeiras; uma romaria de fiéis que cruzam uma pequena vila à luz de velas, seguindo um santo de devoção ao som de cantigas tristes, ou até mesmo uma mesa, na repartição pública, cheia de cristais, gnomos, fitas e amuletos que visam atrair os bons fluidos e afastar os maus olhados.

Por mais estranhas que elas possam parecer, cada uma delas representa a expressão de uma espiritualidade, associada a uma tradição religiosa. Elas são um retrato de como os diferentes grupos humanos assumiram para si a liberdade que a pós-modernidade lhes deu,

⁵⁴ VATTIMO, 2004, p.24-25.

para se articular e organizar a partir do fim das metanarrativas. Corajosamente, cada grupo sentiu-se livre para sistematizar a sua experiência religiosa, estruturando-se com seus dogmas, rituais e padrões morais, com uma criatividade e uma ousadia impressionantes. Estas expressões parecem estar dizendo ao iluminismo que a tentativa de encontrar uma resposta unificada para os dilemas humanos falhou completamente.

O pensamento pós-moderno supera a tese de que haja verdades absolutas e eternas, sejam elas de cunho metafísico ou científico, e adere ao relativismo e ao pluralismo. Toda verdade é relativa e sua validade depende do contexto social e cultural em que as pessoas vivem. Não podemos falar mais em uma verdade tão somente, que seja universalmente reconhecida. Cada qual tem a liberdade de perceber a verdade em sua própria forma. Não há “verdade”, mas sim, “verdades”. E isso inclui as verdades religiosas. Conceitos religiosos como Deus e Verdade são totalmente relativos. A única “inverdade” que existe é alguém insistir em que haja uma verdade fixa e absoluta.

Assim, a pós-modernidade abandona a busca pelas verdades absolutas e com isso assiste ao ocaso de todos os valores e crenças aceitas como universais até então. Entramos num processo de relativização e fragmentação.

Entendo que podemos encarar o ressurgimento de um espírito religioso na pós-modernidade a partir de dois pontos de vista: Da religião como elemento fundamental para o ser humano em busca da construção de sua subjetividade, de sua identidade e do sentido para a sua vida e, ao mesmo tempo, como fator de uma alienação niilista na existência humana.

2.3 O Cotidiano da Religião na Pós-Modernidade em busca de um novo Discurso

Mesmo sem ousar entrar na discussão se a religião é resultado da ação que o sagrado exerce sobre o ser humano de fora para dentro; mesmo sem considerar se ela é parte constituinte do ser humano ou se ela nasce a partir das interações sociais, propomos analisar o fenômeno religioso nesta dialética: como um fator de construção e/ou de alienação, como elemento gerador de equilíbrio e/ou de neurose.

Se Freud disse: A religião é a neurose obsessiva comum ao gênero humano [...] estamos quase inclinados a inverter a afirmação, ousando dizer que a neurose obsessiva é que seria a religiosidade psiquicamente doente. Quando a fé atrofia, parece que ela se distorce, desfigura [...] E isto parece acontecer onde quer que o

sentimento religioso se torne vítima de uma repressão por parte da razão despótica, de uma inteligência técnica⁵⁵.

2.3.1 Religião como experiência de Re-substancialização do Sujeito

O impressionante florescimento de um novo espírito religioso em uma infinidade de manifestações pluralistas em nossos dias nos impõe o questionamento a respeito do que este fenômeno realmente representa. Ao verificarmos uma renovada busca por uma experiência religiosa por parte de uma ampla parcela da população, independente de sua origem étnica e cultural, ou de sua condição social e econômica, somos desafiados a buscar pelas razões de todo este movimento.

Bauman entende que, por detrás do florescimento desta grande pluralidade religiosa, há muito mais do que seres humanos em busca de um encontro com o sagrado. Haveria, isto sim, uma busca renovada do ser humano pela descoberta e afirmação de sua identidade em meio às agruras do cotidiano da pós-modernidade.

A incerteza do estilo pós-moderno não gera a procura da religião: ela concebe, em vez disso, a procura sempre crescente de especialistas na identidade. Homens e mulheres assombrados pela incerteza de estilo pós-moderno não carecem de pregadores para lhes dizer da fraqueza do homem e da insuficiência dos recursos humanos. Eles precisam da reafirmação de que *podem fazê-lo* – e de um resumo a respeito de *como fazê-lo*.⁵⁶

Herdeira da modernidade, a pós-modernidade vem promovendo uma dessubstancialização sem precedentes dos sujeitos. Esvaziado de subjetividade, o ser humano vive no domínio do supérfluo, das luzes e das cores em uma existência de ilusão. Autocentrado e escravizado pelos seus próprios desejos consumistas, o sujeito da atualidade perdeu o horizonte das relações inter-humanas. A ausência do outro e de Deus em seu horizonte, comprometeu sua capacidade relacional, e o seu universo gira em torno da filosofia do descartes. Tudo e todos se tornaram descartáveis, até ele próprio. Pois qual seria ainda o sentido de uma existência desprovida de substância?

Neste contexto, a religião parece estar se revestindo de um significado especial para os sujeitos e grupos sociais que foram lançados em uma situação de apatia pela evolução do mundo tardo-industrial. A experiência da espiritualidade, preferencialmente em um pequeno grupo religioso, por mais estranho que ele possa parecer, parece lhe restituir a substância que

⁵⁵ FRANKL, Viktor. **A presença ignorada de Deus**. 7 ed. São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes, 2003. p.53.

⁵⁶ BAUMAN, 1998, p.222.

se perdeu. Com o que, a religião está se transformando em um elemento-chave na construção da identidade individual e coletiva dos sujeitos em nossos dias.

[...] As classes populares no Brasil, descrentes que estão de reconhecimento que possam receber na sociedade brasileira, de que possam ser instituídas como cidadãos nos dispositivos sociais do poder existentes, vão buscar na religião as formas de seu reconhecimento como sujeitos. A religiosidade que permeia a sociedade brasileira desde sempre assume na atualidade uma dimensão gigantesca nas classes populares, nas quais as formas *messiânicas* de salvação são buscadas ardentemente pelas massas diante do quadro catastrófico do gozo perverso usufruído pelas elites à custa dos corpos das classes populares. Portanto, se o estado e a sociedade brasileira não reconhecem os direitos básicos de cidadania das classes populares, estas vão buscar com volúpia nos deuses a possibilidade de serem reconhecidas como sujeitos. Enfim, o encantamento do mundo é a única possibilidade que ainda resta para as classes populares recuperarem a dignidade e serem reconhecidas como sujeitos⁵⁷.

A experiência com o sagrado, com o “outro” não faz com que o ser humano perca, em absoluto, a categoria de sujeito, ao invés disso, ela contribui para que ele o seja em sua plenitude. E o fato de que o ser humano se entregue a esta realidade não significa que ele seja escravizado, perca sua autonomia, sua liberdade e sua natureza de sujeito, como, aliás, se temia na modernidade. Pelo contrário, o reconhecimento do sagrado permite ao ser humano sair de si mesmo e abrir seu horizonte, pois a autêntica relação pessoal exige o reconhecimento do outro.

2.3.2 Religião como busca pelo Sentido

A razão atrelou seus referenciais à constatação das realidades empíricas. Com esta opção, em certa medida, ela limitou o ser humano em sua possibilidade de procurar o sentido último da realidade e da existência humanas. E este não suportou o vazio. A pergunta pelo sentido não calou em seu interior, razão pela qual ele não cessa de buscar por respostas. Ele pergunta a respeito da origem, sua em particular e do universo como um todo; levanta questionamentos em relação ao sentido da trajetória humana e a respeito do futuro.

Ao que parece, o esgotamento das metanarrativas, o fim das certezas e dos absolutos e a instauração do reino do fragmento, parece ter tornado a busca pelo sentido, por parte do ser humano, uma tarefa ainda mais urgente, pois estes são fatores que aprofundam o seu vazio existencial. A percepção do sentido representa uma experiência vital para o ser humano, ao

⁵⁷ BIRMAN, 2000, p. 286-287.

ponto de que uma vez descoberto, a pessoa faz dele a orientação básica e fundamental de sua vida.

Ele necessita compreender o contexto histórico no qual se encontra, além de descobrir seu papel neste contexto específico e no todo da engrenagem histórica e existencial na qual ele se percebe enquanto ser humano. Neste momento histórico da pós-modernidade, quer me parecer que a religião e a religiosidade representam uma forma privilegiada que o ser humano encontra para expressar suas inquietações e materializar sua busca por sentido. A religiosidade tem-se mostrado como uma atitude de abertura do ser humano em relação ao sentido fundamental de sua existência.

Ela tem-se constituído no elemento que permite ao ser humano, nesta busca por sentido, ir além de si mesmo e da realidade mensurável. Ela permite que ele seja projetado para além de seus próprios limites conhecidos. Esta dimensão serve de suporte na ausência de respostas diante dos dilemas existenciais.

Também no caso da experiência religiosa, deve-se falar de uma relação interior do homem com uma realidade invisível que se realiza e que afeta no mais íntimo do sujeito [...] Na experiência religiosa é a pessoa toda que se expõe à presença do Mistério. [...] não é que o homem tenha experiência de Deus, mas que o homem é a experiência de Deus⁵⁸.

Neste particular, o contexto pós-moderno no qual vivemos não somente favorece o surgimento de um novo surto de religiosidade, mas parece que está a exigir sua presença, especialmente se considerarmos ser ela um fator importante para que o ser humano possa descobrir o sentido de sua vida.

Filhos de nossa época, vivemos numa cultura (num mundo) de afirmação do sujeito e de depuração das consciências que se encontra em franco embate com uma cultura (um mundo) reducionista, de monólogo e de massificação alienadora. Isso tudo dentro de um contexto de aceleração das desigualdades em muitos países (inclusive o Brasil) e da opulência de poucos e da privação de muitos. Trata-se de um terreno tremendamente propício à multiplicação de buscas de soluções, ou, então, à adesão desesperada a fórmulas individuais ou coletivas de fuga e absenteísmos ou de violência e agressividades⁵⁹.

A realidade existencial, na qual estamos inseridos, gera a religião e a busca por experiências religiosas, porque nelas, muitos seres humanos fazem descobertas que para eles são genuínas em relação ao sentido de sua existência.

⁵⁸ CASTIÑEIRA, 1997, p.179.

⁵⁹ FOLLMANN, José Ivo. O mundo das Religiões e Religiosidades: alguns números e apontamentos para uma reflexão sobre novos desafios. In: **Religião, Cultura e Educação**. São Leopoldo: Unisinos, Coleção Humanitas. 2006. p. 27.

2.3.3 Religião como Resposta ao Desencanto

O progresso construído pela racionalidade científica da modernidade, além de seus múltiplos aspectos positivos, resultou em um processo ímpar de desencanto que produziu duas situações singulares: a irrupção de um monoteísmo da razão e de um politeísmo axiológico, em que, em se tratando de valores, cada sujeito poderia ter os seus próprios⁶⁰. O ideário do iluminismo não logrou êxito em proporcionar à humanidade um tempo permanente de bem-estar e felicidade. Com isso, a pós-modernidade herdou homens e mulheres vitimados pelo desencanto em relação à vida e ao futuro.

Mais uma vez, a religião entra em cena. Quanto maior for o desencanto, maior parece ser a produção religiosa com o objetivo de reencantar a vida em suas diferentes dimensões. A enxurrada de deuses parece representar uma resposta-reação ao desencanto da sociedade.

O ideal de felicidade enunciado pelo Iluminismo, pelo qual o homem dominaria a natureza e constituiria uma sociedade igualitária pelo domínio da razão científica, já não provoca mais as certezas de outrora. Não é por acaso, certamente, que assistimos, nos dias de hoje a um vigoroso processo de reevangelização do mundo, através do qual se retorna à religião como busca de proteção face ao desamparo [...] Assim, nos interstícios do mundo desencantado, onde as ideologias redentoras do Iluminismo não têm mais qualquer apelo existencial, o desamparo do sujeito se recoloca, assumindo formas vigorosas e desesperantes. A busca de proteção face à angústia se empreende pelas formas de religiosidade que se apresentam como novas ofertas de salvação⁶¹.

Quanto maior for a sensação de impotência do ser humano ou de grupos humanos diante de situações-limite de sua vida, maior será a tendência de acessar auxílio em uma outra esfera, a esfera mítica. E como num círculo vicioso, com esta postura, corre o ser humano o risco de reforçar o seu sentimento de impotência diante dos problemas do cotidiano. E no momento em que a divindade perder seu poder de encantamento, torna-se também ela, um elemento descartável.

Não há dúvida de que o surgimento de tantas expressões religiosas representa uma reação ao modelo de sociedade no qual nos movemos. A falta de um “outro lugar”, que lhe seja significativo, faz com que justamente na religião as pessoas estejam buscando por respostas a respeito de coisas que fazem parte do cotidiano como a dor, a injustiça, a morte. O que parece devolver poder à voz e à presença da religião é gravidade dos problemas diante dos quais as nossas sociedades se encontram em virtude de certos desenvolvimentos da

⁶⁰ CASTIÑEIRA, 1997, p.54-55.

⁶¹ BIRMAN, 2000, p.228-230.

ciência e da tecnologia. Surgem questões em relação aos avanços da ciência, relacionados à bioética e à ecologia que parecem ser por demais complexas para serem resolvidas apenas com a ajuda da argumentação racional.

Precisamos perceber, no entanto, que com o advento da pós-modernidade o compromisso social e religioso global se enfraquece e o protesto radical se fragmenta numa série de projetos localizados. É a época do desencanto político, da crise de legitimidade e de saturação de utopias. A desconfiança diante de todo compromisso político é substituída por um fechar-se na privacidade, inclusive no mundo da fé. Procura-se nos pequenos e fragmentados grupos religiosos o calor de uma vivência comunitária intensa. E esta se encontra com muito maior probabilidade nestas pequenas células.

O compromisso político cristão que provinha da promessa da salvação, realizável na realidade mundana da história, é substituído pelo testemunho utópico do convertido, pelo sentimento espiritual do regenerado, pelo fervor ativo e a experiência interior da oração, pelo sustento do grupo, pela expressão espontânea e improvisada do crente. Muitas vezes, estes movimentos também apresentam uma dimensão contestatória antimoderna, uma vez que o que fazem é re-simbolizar, por meio de um novo misticismo, as aspirações que foram frustradas por um falso sonho do progresso, pela impotência da modernidade, para concretizar as esperanças por elas suscitadas⁶².

Talvez seja este um dos trunfos e um dos aspectos positivos da pós-modernidade, pelo fato ele ter permitido que novamente se pudesse falar do sagrado de modo livre e sem qualquer tipo de constrangimento, pois “[...] talvez a motivação religiosa ou do neo-conservadorismo seja hoje a mais eficaz resistência contra a destruição dos autênticos valores da modernidade”⁶³.

2.4 Riscos da Religião da Pós-Modernidade

A religião e a experiência religiosa podem se transformar numa importante ferramenta de constituição da identidade e da subjetividade do sujeito, propiciando-lhe uma existência com substância e com sentido, além de ser uma força capaz de ajudá-lo no enfrentamento dos desencantos da existência humana. Sabemos, porém que ela também pode se transformar num elemento de alienação e de subjugação.

⁶² CASTIÑEIRA, 1997, p.165-166.

⁶³ CASTIÑEIRA, 1997, p.173.

Para este novo sujeito que surgia do iluminismo, a religião desvia para a esfera do privado. [...] Disto resulta uma nítida separação entre o particular e o público, marcado pelas relações de intercâmbio. A religião também passará à esfera do particular, e cada um fará uso dela conforme as próprias necessidades, embora sem que influa em absoluto na vida concreta da pessoa⁶⁴.

2.4.1 Religiosidade Antropocêntrica

Constatamos que o indivíduo da atualidade assume características existenciais extremamente individualistas e que se verifica um autocentramento absoluto do sujeito. O ser humano organiza sua vida em torno de si mesmo e estabelece suas relações em função de seus próprios desejos, na condição de cidadão do reino do fragmento e da ausência de certezas. “A própria subjetividade individual, pelo menos desde Freud, aparece como um conjunto compósito onde cada ultimação parece ser provisória e, portanto, se exclui qualquer possibilidade de uma interpretação em termos de fundamento”⁶⁵.

Ora, se considerarmos que a religião, como de resto o ser humano, é constituída a partir das interações sociais, precisamos considerar a hipótese de que tanto a religião quanto a religiosidade acabam adotando para si elementos característicos da pós-modernidade. O surto de religiosidade que verificamos na atualidade traz consigo uma nova roupagem, com características claramente individualistas. Ao mesmo tempo em que a emancipação radical do indivíduo pressupõe uma nova forma de organização da sociedade, ela também implica em uma nova articulação da religião. Ela torna-se cada vez mais pessoal e adaptada às circunstâncias imediatas da existência dos indivíduos.

Se a modernidade proporcionou ao indivíduo a racionalidade e a autonomia, disto resulta que a pós-modernidade forjou um sujeito que tem a lei em si mesmo. Ele possui a capacidade de agir movido e orientado por sua própria consciência, assumindo ele mesmo, a condução de sua história e a responsabilidade por suas escolhas.

O princípio “penso, logo existo” preconizado por Descartes lançou os fundamentos da autonomia com base na racionalidade. O indivíduo pensante foi colocado em destaque. E como vivemos em uma sociedade que supervaloriza a liberdade e a autonomia do indivíduo, resulta daí a vivência de uma religiosidade que dispensa a tutela institucional. Razão pela qual:

⁶⁴ CASTIÑEIRA, 1997, p. 27.

⁶⁵ VATTIMO, 2004, p.114.

Mesmo que se possa dizer que a história da humanidade é uma história de construção de grandes tradições religiosas, vivemos em um momento especial de surgimento e de afirmação de uma multiplicidade de pequenas iniciativas religiosas [...] Existem religiões que nasceram em consonância com atual cultura de mercado, e sua metodologia é muito favorável a uma rápida expansão [...] O fenômeno neopentecostal faz-nos lembrar de um outro fenômeno religioso de forte expansão que é o da religiosidade de *arranjo pessoal*, juntamente com o crescente número dos que se declaram *sem-religião*. São identidades religiosas que se criam e costumam à revelia do disciplinamento institucional das religiões que, em geral, chamam ao compromisso comunitário⁶⁶.

O pluralismo e o relativismo característicos de nosso tempo preparam o terreno para o crescimento destas experiências religiosas individuais, com características de arranjo pessoal. Precisamos considerar ainda que o crescente número de pessoas que se declaram sem religião não necessariamente representa uma adesão ao ateísmo, e sim uma nova forma de religiosidade de arranjo particular. Com isso, observamos que floresce um novo tipo de imperativo, que nega a existência de uma verdade única e que faz com que a crença de uma pessoa seja a dúvida de outra.

A religião da modernidade destronou Deus e colocou o *Übermensch* em seu lugar e a pós-modernidade trouxe Deus de volta à cena e o colocou na condição de servidor das necessidades humanas particulares. Com isso, as religiões assumem características próprias do contexto no qual estão inseridas. Elas deixam as questões doutrinárias em segundo plano e se dirigem preponderantemente às emoções e às aspirações do ser humano. No caso do cristianismo, o objetivo deixa de ser a busca e de uma existência sob a cruz e a busca pela salvação eterna, e passa a ser a busca por uma existência prazerosa, pela cura de alguma doença corporal ou a superação de alguma crise material.

Esta religiosidade se articula em tal diversidade e pluralismo que se percebe uma tendência ao panteísmo. E mesmo que a religião da pós-modernidade, em toda a sua diversidade e pluralismo, seja resultado do fim das metanarrativas e das verdades universais, a religiosidade das verdades locais passa a ter a pretensão de ser ela mesma universal, razão pela qual há um impressionante esforço missionário em seu cerne.

[...] o renascimento de esfera do religioso parece se configurar, necessariamente, como pretensão de alcançar uma verdade última, certamente objeto de fé e não de demonstração racional, mas, de qualquer forma, tendencialmente uma exclusão precisamente daquele pluralismo das visões do mundo que, em princípio, parece ser a condição de sua possibilidade⁶⁷.

⁶⁶ FOLLMANN, 2006, p.12-13.

⁶⁷ VATTIMO, 2004, p.28-29.

2.4.2 Religiosidade Fundamentalista

A modernidade com o seu paradigma iluminista proclamou a morte de Deus e o fim da metafísica. O ser humano deveria se tornar um sujeito autônomo, senhor de sua própria história, produzindo, ele mesmo, um estado permanente de paz e felicidade. Como o sonho não se realizou, cai por terra toda a crença na história, no progresso, nas ideologias e nas grandes religiões. E com a perda de todas as referências, as celestes e as terrestres, o homem e a mulher contemporâneos se viram repentinamente sem eixo, sem solo, perplexos e prontos para aderir ao primeiro pregador que lhes restituísse ao menos algumas certezas. Neste vazio, aparecem as versões fundamentalistas das religiões milenares e a miscelânea dos novos movimentos religiosos, com verdades e explicações para todos os dilemas humanos.

Há, porém, uma forma especificamente moderna de religião, nascida das contradições internas da vida pós-moderna, da forma especificamente pós-moderna em que se revelam a insuficiência do homem e a futilidade dos sonhos de ter o destino humano sob controle do homem. Essa forma veio a ser conhecida sob o nome inglês de fundamentalism (fundamentalismo) [...] o fundamentalismo é um fenômeno inteiramente contemporâneo e pós-moderno, que adota totalmente as “reformas racionalizadoras” e os desenvolvimentos tecnológicos da modernidade, tentando não tanto “fazer recuar” os desvios modernos quanto “os ter e devorar ao mesmo tempo” – tornar possível um pleno aproveitamento das atrações modernas, sem pagar o preço que delas exigem. O preço em questão é a agonia do indivíduo condenado à auto-suficiência, à autoconfiança e à vida de uma escolha nunca plenamente fidedigna e satisfatória⁶⁸.

A falta de fundamentos levou as pessoas a buscar por alicerces, nos quais eles se sentissem seguros em sua existência. A religião da pós-modernidade parece ser um destes elementos que proporcionam esta segurança, até como um anestésico diante deste mundo impessoal e inseguro.

O paradoxo atual de uma condição cultural pós-moderna (isto é, descrente de qualquer grande meta-relato), onde crescem como fungos os movimentos religiosos fundamentalistas, corresponderia a uma razão histórica simples, a da estratégia reacionária: em período de crise brotam as formas mais puras e duras de religiosidade, aquelas que propõem respostas simples e claras a situações complexas e confusas⁶⁹.

A clientela que se sente especialmente atraída por estas ofertas, são os despojados e os miseráveis da sociedade pós-moderna, cujo número se encontra em constante crescimento. A sua miséria nem se deve tanto ao resultado da exploração econômica, mas ao fato de que

⁶⁸ BAUMANN, 1998, p.226.

⁶⁹ CASTIÑEIRA, 1997, p.178.

eles foram excluídos do seletivo grupo dos consumidores. Se for verdade que “consumo, logo existo”, quem não consegue consumir, é excluído. Cria-se um novo conceito de miséria, representado por aqueles que falharam na arte de consumir. E falhar na arte de consumir resulta no desencanto e ausência de perspectiva. E a opção fundamentalista, ainda que alienante, exerce atração, pois “o fascínio do fundamentalismo provém de sua promessa de emancipar os convertidos das agonias da escolha”⁷⁰.

A opção fundamentalista resulta em alienação, na medida em que ao invés de empoderar o sujeito para o enfrentamento dos dilemas humanos, lhe disponibiliza saídas que representam tão somente uma oportunidade de fuga.

Em sua interpretação fundamentalista, a religião não é uma “questão pessoal”, privatizada como todas as outras escolhas individuais e praticada em particular, mas a coisa mais próxima de uma *completa mappa vitae*: ela legisla em termos nada incertos sobre cada aspecto da vida desembaraçando desse modo a carga de responsabilidade que se acha pesadamente sobre os ombros do indivíduo – esses ombros que a cultura pós-moderna proclama onipotentes, e o mercado promove como tais, mas que muitas pessoas acham frágeis demais para essa carga⁷¹.

A vertente fundamentalista da religião da pós-modernidade parece reeditar o antigo paganismo, que ressurgiu modernamente com seu dualismo cósmico do bem contra o mal. Independente se ele for um fundamentalismo de caráter cristão, muçulmano ou outro qualquer, ele parece não conseguir se livrar dos antigos conceitos de certo e errado, de bem e mal.

2.4.3 Religiosidade como Produto de Mercado.

Edificada sobre os pilares da ideologia neoliberal, a cultura pós-moderna transformou a sociedade em um grande mercado e os indivíduos que nela vivem em consumidores por excelência. Competição, eficiência, qualidade transformaram-se em conceitos que regem nosso cotidiano. Seguindo uma lógica de exclusão, tanto coisas quanto pessoas são mercantilizadas e quiçá descartadas. E este linguajar mercantilista que se utiliza de termos próprios da economia de mercado é comum no contexto religioso da pós-modernidade.

Esta religiosidade, profundamente marcada pela subjetividade individualista e livre da tutela das instituições sociais e religiosas, movimenta-se em meio a um verdadeiro mercado religioso. Os mecanismos e os conceitos de livre concorrência, de lucro, de

⁷⁰ BAUMANN, 1998, p. 228.

⁷¹ BAUMAN, 1998, p.229.

eficiência e de qualidade total são adotados pelos diferentes movimentos religiosos sem a menor cerimônia. A lógica do mercado se instala como se a religião fosse um produto de consumo, de compra e venda. “A religião já não é expressão de nenhuma necessidade original, mas corre também o risco de tornar-se um meio de transação mercantil com Deus”⁷².

A religião foi transformada em um item de consumo delicadamente embalado – assumindo seu lugar entre outras tantas mercadorias que podem ser compradas ou rejeitadas de acordo com os caprichos de consumo de cada um. Também o cristianismo em grande medida sucumbiu ao consumismo. Há uma frenética busca por novidades, seguindo a tendência do espetáculo de luzes e cores. Enquanto a interioridade é relegada a um plano secundário há uma espécie de ditadura do novo que se impõe. Considerada como boa é aquela igreja que mais novidades têm a oferecer e os fiéis transitam entre uma igreja e outra com uma agilidade impressionante, em busca de novas ofertas.

Neste contexto também se percebe a presença da lógica da exclusão que resulta em fortes e fracos. Os que são bem sucedidos assim são considerados por serem portadores das benesses e da graça de Deus. Os desafortunados são acusados de terem pouca fé, e de serem merecedores de maldição. Com isso, também as pessoas são mercantilizadas. Neste mesmo contexto, quaisquer outras manifestações e experiências religiosas são excluídas, pois “o cultivo das identidades religiosas em um processo de diálogo também acontece em clara contradição aos processos competitivos e à busca de fiéis (quase a qualquer preço) que caracterizam determinadas iniciativas religiosas”⁷³. Assim, a religião que poderia ser um fator agregador e libertador do ser humano, acaba por se transformar em mais um elemento causador de desencanto para a humanidade.

2.5 A Opção Religiosa do Jovem na Pós-Modernidade.

As características peculiares de cada período da história exercem uma influência determinante na constituição do sujeito no tempo em que ele vive. Não é diferente com o jovem. Em cada momento histórico haverá uma concepção e uma articulação diferenciada, fruto do meio cultural no qual ele estiver inserido. E se pressupomos que a adolescência e a juventude sejam uma construção social, então, iremos admitir que os pressupostos da pós-modernidade inevitavelmente irão moldar o modo de ser e de pensar, de ver e de agir da

⁷² CASTIÑEIRA, 1997, p. 27.

⁷³ FOLLMANN, 2006, p.27.

população jovem em nossos dias. E, por conseguinte, também a articulação da religiosidade entre a juventude acabará por ser influenciada pelo ambiente pós-moderno no qual estamos inseridos.

De que modo o ambiente pós-moderno estaria influenciando o adolescente e o jovem em sua articulação religiosa? Estaria a religião sendo banida do imaginário das novas gerações ou estaria ela ensejando justamente um novo modo de vivenciá-la?

Verdade é que as instituições religiosas tradicionais perderam sua força, deixando o sagrado “solto, entregue às vivências pessoais, individuais em processos crescentes de privatização e individualização”⁷⁴. De que modo a nova geração estaria reagindo diante deste quadro, que oferece a oportunidade de articular uma espiritualidade de arranjo pessoal?

O que se observa é que o adolescente e o jovem sentem-se completamente à vontade para beber em todo tipo de fontes, possíveis e imagináveis, que inclui as de caráter religioso, ignorando completamente qualquer tipo de herança religiosa e controle institucional. Poderíamos interpretar esta atitude jovem como uma busca por uma experiência espiritual e um encontro com o sagrado, ou meramente como um elemento de sua procura pela identidade?

Há quem diga que a população juvenil não consegue ficar à margem de todo o movimento de ressurgimento da religião em nossos dias, pois “a religião pode ser vista como um dos aspectos que compõem o mosaico da grande diversidade da juventude brasileira”⁷⁵.

A meu ver, o grande desafio que se apresenta para todos aqueles que de algum modo, se ocupam com as novas gerações, é o de buscar respostas para os seus questionamentos. E estas precisam ser levadas em conta na articulação de uma proposta de atuação que seja relevante para o público juvenil. Pois, como articular uma proposta de trabalho, sem antes responder às suas perguntas existenciais?

Uma proposta relevante efetivamente será aquela que considere o adolescente e o jovem em toda integralidade de seu ser e que, ao mesmo tempo, leve em conta o momento histórico em que vivemos, sem negar os desafios do Evangelho de Jesus Cristo.

Com estas questões, queremos nos ocupar no próximo capítulo.

⁷⁴ LIBÂNIO, João Batista. O sagrado na pós-modernidade. In: COLIMA, Cleto (Org.). **A sedução do sagrado**, Petrópolis: Vozes, 1998. p.62.

⁷⁵ NOVAES, Regina. Juventude, percepções e comportamentos: a religião faz a diferença? In: ABRAMO, Helena Wendel; BRANCO, Pedro Paulo Martori (Org). **Retratos da juventude brasileira**: análise de uma perspectiva nacional. São Paulo: Instituto Cidadania e Fundação Perseu Abramo, 2005. p.263.

3. AÇÃO PASTORAL COM A JUVENTUDE E A ADOLESCÊNCIA

Houve, certa vez, uma desgraça... Um dia nos demos conta de que faltava uma palavra. Ninguém a tinha roubado e também não a tínhamos esquecido. Simplesmente não existia. Sem aquela palavra, entretanto, não podíamos continuar representando o espetáculo, porque tudo ficava sem sentido. Era a palavra que mantém todas as outras unidas entre si... Desde então, tentamos recobrá-la. Pensam vocês que nunca a encontrarão? Com nossa longa caminhada escrevemos a palavra na superfície da terra. Por isso, nunca haveremos de parar... Então, sabem sempre vocês para onde vão? Não. Deixamo-nos conduzir. Por quem ou por que coisa? Pela Palavra...⁷⁶

Michael Ende

A população brasileira está estimada em cerca de 186 milhões de habitantes⁷⁷. Destes, 34 milhões se encontram na faixa etária entre 15 e 24 anos, o que representa 18,27% da população. Cerca de 51 milhões têm entre 10 e 24 anos, representando 27,41% da população. Se considerarmos os jovens entre 15 e 29 anos, chegamos a uma população de 48 milhões, o que equivale a 25,80%. Com base nestas estatísticas, podemos afirmar que 30% da população brasileira em 2007, são adolescentes e jovens, representando um contingente de cerca de 60 milhões de pessoas.

Cerca de 60 milhões de pessoas no Brasil estão vivendo o período de sua existência que se convencionou denominar de adolescência e juventude. Entendemos a adolescência e a juventude como uma construção social, razão pela qual não nos ocupamos com a tentativa de fixar cada período em determinada faixa etária. As idades podem variar de pessoa para pessoa, assim como em cada grupo social. Creio ser suficiente, nesta pesquisa, perceber o que acontece com o ser humano neste período de sua existência.

Nele, o ser humano tem a oportunidade de:

Integrar as mudanças biopsíquicas da puberdade, aprender a lidar e viver com elas, para sentir-se à vontade no seu próprio corpo; aprender a aceitar-se e sentir-se bem no seu próprio gênero no sentido da estrutura biológica básica como mulher e homem e assim amadurecer rumo a uma escolha afetiva; estruturar as novas relações

⁷⁶ CASTIÑEIRA, 1997, p.145.

⁷⁷ WILKIPÉDIA, a enciclopédia livre. **A Demografia do Brasil**. Disponível em http://pt.wikipedia.org/wiki/Demografia_do_Brasil. Acesso em 28/12/2007.

sociais; dar aportes para a inculturação em busca de definições pessoais com respeito a crenças, normas e valores éticos assim como padrão de comportamento auto-responsável; [...] preparar-se para escolha profissional [...] ⁷⁸.

Diante disso, entendo ser de fundamental importância a busca pela superação dos estigmas que colocam a adolescência e a juventude como um período necessariamente conflituoso. Este tempo precisa ser encarado de modo aberto, com um olhar positivo, como um momento especial, um período de construção. Pois juventude efetivamente é:

Crescimento, assimilação de valores, integração de sua personalidade, educação e formação são constantes da vida do jovem desde o seu nascimento, são as realidades que agora realizarão sua integração definitiva no mundo e na sociedade. Por isso, o tempo da juventude tem valor próprio, não de simples “passagem”, mas de tomada de posição e de decisão diante da vida ⁷⁹.

A partir deste olhar, o trabalho com a adolescência e a juventude perde o seu caráter negativo e assume contornos de um desafio positivo e animador, como uma oportunidade de poder contribuir, de modo efetivo, na construção dos paradigmas que guiarão sua existência.

3.1 O Adolescente e o Jovem na Igreja Evangélica de Confissão Luterana

A preocupação com a adolescência e a juventude tem estado presente e vem ocupando as lideranças da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil. De longa data existe um Setor de Trabalho que procura coordenar a atuação entre os jovens, atualmente integrado ao Departamento de Educação Cristã. A preocupação com este trabalho também tem estado no horizonte das lideranças do Sínodo Centro-Sul Catarinense, contexto desta pesquisa. Em seu Plano de Metas, elaborado em 2003, encontramos a seguinte declaração de propósitos:

O Sínodo tem como missão trabalhar para que o jovem do próprio Sínodo venha a conhecer Jesus Cristo e o aceite como seu Senhor e Salvador. O Sínodo tem o objetivo de ajudar Comunidades e Paróquias a organizar seu trabalho com jovens e dar a oportunidade para que cada jovem de nosso Sínodo esteja participando de algum grupo de JE. A meta do Sínodo é criar uma coordenação sinodal do trabalho com jovens ⁸⁰.

⁷⁸ DAUNIS, Roberto. **Jovens – Desenvolvimento e Identidade**. São Leopoldo: Sinodal, 2000. p.55-56.

⁷⁹ CELAM, Conselho Episcopal Latino Americano. **Pastoral da Juventude: Sim à Civilização**. São Paulo: Paulinas, 1987. p.37.

⁸⁰ SINODO CENTRO-SUL CATARINENSE, **Missão: Um desafio sinodal**. Florianópolis: 2003. p.35.

Esta declaração expressa a consciência por parte das lideranças da igreja, de que lhes cabe criar condições para que o jovem possa ter acesso a uma experiência religiosa e um encontro com o sagrado, apontando inclusive para algumas estratégias concretas no sentido de viabilizar estes objetivos. Duas tem sido as atividades tradicionalmente voltadas aos adolescentes e jovens nas comunidades da IECLB: o ensino confirmatório que congrega adolescentes entre 11 e 14 anos e o grupo de jovens, oportunidade para os jovens a partir de sua confirmação. Ainda assim, percebemos que apesar de todo o esforço empenhado, têm havido certas dificuldades para articular uma pastoral jovem no contexto da IECLB. As estatísticas da igreja apontam para elas.

O desafio que se coloca para a Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil no contexto do trabalho com adolescentes e jovens é gigantesco. As estatísticas anuais nos dão uma dimensão desta tarefa. Segundo dados fornecidos pela secretaria geral, as estatísticas de 2007, ano base 2006, apontam para um universo com cerca de 700.000 membros batizados. Estes se congregam em 2.967 comunidades/pontos de pregação, espalhadas pelos dezoito Sínodos em território brasileiro. Em 765 delas (25,78%), existe algum grupo de jovens, ou seja, em $\frac{1}{4}$ das comunidades, os jovens têm a oportunidade de participar de algum trabalho organizado especificamente para eles. No caso particular do Sínodo Centro-Sul Catarinense, contexto desta pesquisa, segundo informações fornecidas pela secretaria sinodal, nas 211 comunidades/pontos de pregação, em 61 delas existe algum grupo de jovens organizado, o que equivale a 28,9%. Assim, em cada quatro jovens da IECLB, para três deles a oportunidade de se integrar em algum grupo de jovens da própria igreja sequer existe.

Outra pesquisa realizada pelo Departamento Nacional para Assuntos da Juventude⁸¹ constatou que cerca de 10% dos membros da IECLB são jovens que estão na faixa etária entre 15 e 22 anos. A mesma pesquisa constata que os diferentes grupos de jovens existentes nas comunidades da IECLB congregam cerca de 15.500 jovens, o que equivale dizer que cerca de 20% dos jovens da igreja estão integrados em um trabalho específico para sua faixa etária, e por outro lado, 80% estão à margem.

Segundo dados obtidos da Secretaria Geral, em 2001, em toda a igreja houve 11.575 confirmandos; em 2002, 10.679; em 2003, 10.558; em 2004, 9.279; e em 2006, 8.908. Com isso, no período de 2001 a 2006, um total de 61.139 adolescentes foram confirmados. E se a estatística de 2006 observa que somente 15.500 jovens participam de algum grupo, constata-

⁸¹ KLIEWER, Gerd Uwe. DNAJ. **Grupos e Participação na IECLB: Trabalho com Jovens**. São Leopoldo: 2003. p.01.

se que existe uma dificuldade na passagem do ensino confirmatório para o grupo de jovens. A maioria dos confirmados efetivamente não adere ao grupo de jovens, após a sua confirmação.

Onde estaria o problema? A dificuldade estaria no modo pelo qual articulamos nossa proposta para o jovem da pós-modernidade, ou deveríamos considerar a hipótese de que a experiência religiosa está fora do horizonte da adolescência e da juventude nos dias atuais?

3.2 A Religião no Imaginário da Adolescência e da Juventude

Na busca por respostas aos questionamentos acima, não raro, se lança mão de soluções simplistas, do tipo: “o jovem hoje em dia não se interessa mais”. Observações da realidade juvenil, no entanto, bem como pesquisas especializadas, têm mostrado que a religião está presente sim, e de modo muito significativo, no imaginário do jovem da pós-modernidade. De um modo peculiar, em comparação ao jovem de outros tempos, é verdade, mas a seu modo, ele busca por alguma experiência religiosa.

Esta é uma realidade constatada em uma reportagem da Revista Veja⁸² que se reporta a uma pesquisa com 800 jovens brasileiros, entre 15 e 24 anos, feita pelo Instituto de Estudos da Religião. Perguntados se eles acreditam em Deus, 98% responderam afirmativamente, confirmando que a realidade divina não é alheia ao campo de interesse dos jovens. E 33% dos jovens entrevistados declararam que escolheram ou que seguem determinada religião por decisão própria, sem imposição de ninguém, apontando para o fato de que há nesta faixa etária iniciativa própria no sentido de buscar uma experiência com o sagrado. Cerca de 20%, afirmam já terem trocado de religião alguma vez, o que me parece apontar para uma atitude de busca em relação a uma experiência religiosa pessoal.

Uma outra pesquisa⁸³ constatou que apesar de todo o avanço da ciência, 97% da população brasileira afirmou acreditar que Deus existe, 93% consideram como certo que Jesus ressuscitou e 86% aceitam que Maria deu à luz sendo virgem.

Como interpretar este renovado interesse pela religião num mundo dominado pela ciência? Para responder a pergunta, Petry se reporta a Francis Collins, biólogo americano, autor do mapeamento do DNA humano:

⁸² REVISTA VEJA. **Edição Especial: Jovem**. São Paulo: Abril. 2003.

⁸³ PETRY, André. Religião: como a fé resiste à descrença. **Revista Veja**, Abril: São Paulo, 2007. ano 40, n. 51, p.70-85.

Collins, temente a Deus desde os 27 anos, escreveu *A Linguagem de Deus* para mostrar que ciência e fé não são incompatíveis, mas complementares. A ciência investiga o natural, a religião investiga o espírito – e uma não responde às dúvidas da outra. Entre os cientistas, muitos rejeitam essa divisão compartimental do saber humano, mas Collins alega que a ciência tem respostas empobrecedoras para indagações primordiais. Por exemplo: Por que estamos aqui? Qual é o sentido da vida?⁸⁴.

Será este renovado interesse pela religião uma mera expressão da busca pela identidade; haveria uma predisposição genética para a espiritualidade no ser humano; ou expressaria a busca por respostas para as questões existenciais mais profundas que ocupam a humanidade?

Para uns, a religião surge com a descoberta da finitude, e o saber esmagador de saber-se mortal só pode ser suportado com a muleta do pensamento mágico. Para outros, a religião é instrumento que o homem criou para adaptar-se ao meio ambiente, que lhe parecia misterioso – como de outro modo, entender a noite, a chuva, o trovão, a neve? Existe ainda a tese de que estamos biologicamente programados para acreditar em coisas que não podemos provar [...] ⁸⁵.

Petry ainda faz referência a outro biólogo americano, Davi Sloan Wilson da Universidade Binghamton, ateu, especialista em Darwin. Para ele, mesmo se um dia a religião acabar, sempre haverá um espaço para a fé.

Sua tese tem respaldo em uma pesquisa da década de 70 que estudou 73 pares de gêmeos idênticos e 31 pares de gêmeos não idênticos. A conclusão dos pesquisadores é que a espiritualidade tem raiz genética, mas a opção por determinada liturgia, por um culto específico, pelo hábito de rezar, por frequentar o templo ou a igreja, por ler a *Bíblia* ou o *Corão* é algo culturalmente adquirido ⁸⁶.

Independente de qual hipótese queiramos adotar, ou se compreendemos todas elas ao mesmo tempo como parte da verdade, é fato inquestionável que a religiosidade está presente no imaginário do ser humano e, por consequência, do adolescente e do jovem de nossos dias. Ele articula sua experiência religiosa num campo particular e próprio, que muitas vezes passa ao largo da religião formal e institucionalizada. Com o esvaziamento desta pelo pensamento pós-moderno, a religião deixou a dimensão pública e ocupa preferencialmente a esfera privada. O indivíduo da atualidade mais e mais cria uma religiosidade interiorizada e subjetiva com o que se liberta de uma cultura religiosa com padrões morais absolutos. As pesquisas mencionadas parecem apontar para o fato de que o jovem de nossos dias, a partir de critérios íntimos e subjetivos, opta por um exercício religioso de sua própria preferência, sem

⁸⁴ PETRY, 2007, p.80.

⁸⁵ PETRY, 2007, p.82.

⁸⁶ PETRY, 2007, p.82.

se deixar constranger por opiniões contrárias de quem quer que seja, nem mesmo de seu grupo familiar.

Neste contexto, é preciso considerar que o fenômeno religioso da pós-modernidade não se restringe somente àquilo que acontece nas igrejas, nos templos. Há uma dimensão religiosa que está presente em toda a cultura. Basta atentar para a linguagem religiosa que permeia o esporte, a política, as relações sociais e econômicas. Com isso, o ressurgimento da religião em nossos dias não pode ser encarado como uma simples volta às formas pré-modernas de crença e prática. Mais do que isso, há um caráter religioso presente em todas as atividades e situações, como um elemento presente na vida das pessoas, sejam elas adeptas de alguma religião, agnósticas ou mesmo atéias.

Neste entorno, a articulação da religiosidade jovem situa-se entre os horizontes da individualização e da subjetivação. No horizonte da individualização, o jovem afirma nas suas escolhas religiosas o seu direito pessoal e irrestrito de escolher e experimentar. Já no horizonte da subjetivação, ele situa como lugar de elaboração de seu sistema de referências a sua própria biografia e as suas experiências pessoais.

A fusão destes horizontes faz com que o jovem da pós-modernidade elabore sua religiosidade a partir de sua própria existência, onde ele mesmo é o referencial, o que pode levá-lo a uma peregrinação entre crenças de origens e caráter completamente diferentes. A experiência individual e subjetiva com o sagrado é de tal intensidade e produz tal convicção quanto à sua autenticidade que ela lhe permite um rompimento com a religião de origem ou com qualquer tradição religiosa e uma atitude de contestação em relação às instituições religiosas tradicionais. Nesta nova constelação, Cristo pode ser cultuado ao lado de orixás, duendes, cristais e bruxas, sem que isto seja visto como um problema.

Creio que podemos muito bem imaginar que muitos jovens cristãos, por não encontrarem sua igreja suficientemente aberta para perceber os questionamentos que eles se fazem, ou por não encontrarem um lugar, um grupo, que os acolha e que caminhe com eles, buscam por outras formas de religiosidade, fora do âmbito tradicional ou institucional. O que acaba por fazer com que o cristianismo histórico viva em situação minoritária de diáspora em nossos dias.

Constatamos que a religiosidade do jovem da pós-modernidade se manifesta de modo peculiar, em uma linguagem própria desta geração e que, em sua expressão, não é em nada semelhante a da tradição ou mesmo de gerações passadas. Neste contexto, não é muito útil combater o modo pelo qual o jovem articula sua religiosidade. Será preciso, isso sim, fazer um esforço no sentido de buscar compreender o que se oculta por detrás desta expressão

de sua busca pelo sagrado, sem preconceitos nem pré-julgamentos. Caso consigamos fazê-lo, encontraremos nela uma importante aliada pedagógica, para a articulação de nossa própria possibilidade de trabalho com esta geração.

Neste sentido, entendo que a busca pela articulação de uma proposta para a atuação com adolescentes e jovens, não pode se resumir a um receituário. É preciso considerar que o fim das metanarrativas, decretado pela pós-modernidade, não nos permite imaginar que algumas poucas receitas poderiam ser aplicadas com garantia de sucesso, em qualquer situação e realidade. Em uma sociedade despida de ideais coletivos como a nossa, creio que se trata muito mais de promover uma reflexão coletiva, e que envolva todos os atores sociais. Uma reflexão que nos permita compreender tanto a realidade do adolescente e do jovem quanto o modo de articulação da experiência religiosa na atualidade. Esta dupla compreensão poderá descortinar alguns caminhos para uma ação pastoral contextualizada. E a própria motivação religiosa, presente no ser humano jovem, poderá contribuir para que as referências cristãs dispersas no imaginário da pós-modernidade possam contribuir para que ele encontre, em sua experiência com o sagrado, seu lugar, sua identidade e o sentido para sua vida.

3. 3 A Adolescência e a Juventude da Pós-Modernidade em busca de um LUGAR

O fim da era dos absolutos colocou o jovem atual num ambiente de des-regulação das instituições que tradicionalmente eram geradoras de sentido para ele. Nisto se incluem, além da religião tradicional, a nação, a família, a escola, o local de trabalho, além de outros. Os laços de identificação que antes poderiam durar a vida inteira tornaram-se tênues, frágeis e passageiros.

Por outro lado, a juventude é um grupo globalizado. Como nunca antes na história humana, a globalização deu a todos a dimensão de que somos parte integrante do mesmo globo. Mas, nem por isso, ela aproximou as pessoas, visto que o globo passou a ser formado por um conjunto de não-lugares: o metrô, o aeroporto, a praça, a rodoviária, o estacionamento, a estrada, o shopping, o posto de gasolina, o bar, a praia e outros. “Estamos vivendo um vazio. O século 21 decreta o fim das relações pessoais”⁸⁷. Com isso, o jovem frequenta com muita agilidade uma série de não-lugares, mas em nenhum deles cria raízes.

Esta des-territorialização faz com que o jovem, em todas as circunstâncias, esteja sempre referido somente à sua própria identidade individual. Torna-se alvo e vítima das mega-

⁸⁷ VILELA, Diogo. Variedades. **Diário Catarinense**: Florianópolis, 2008. ano 23, n. 7924, p. 12.

empresas capitalistas e adota uma cultura que se identifica a partir de fórmulas como roupas, artistas, eventos, costumes, que são oferecidas para seu consumo. A falsa sensação de autonomia que daí advém é caracterizada por um hedonismo que rejeita limites, por uma postura imediatista, por uma exacerbação da sexualidade, por uma sensibilização para espetáculos movidos a estímulos musicais e visuais e pelas relações fluidas.

Como resultado desta situação, para Bauman⁸⁸, a pós-modernidade lançou a humanidade – também a adolescência e a juventude – em insegurança existencial. Por esta razão vivemos em constante necessidade de aconselhamento e estamos cercados por uma massa de especialistas em identificar problemas. Eles propõem soluções de toda a ordem para a restauração da personalidade e apresentam receitas infalíveis e milagrosas para nossos relacionamentos. Nunca antes na história humana se produziu tantos livros de auto-ajuda.

Este quadro resulta em uma juventude des-territorializada que procura por um lugar que seja seu.

Em nossos tempos pós-modernos, [...] as fronteiras que tendem a ser ao mesmo tempo mais fortemente desejadas e mais agudamente despercebidas são as de uma *justa e segura posição na sociedade*, de um espaço inquestionavelmente da pessoa, onde possa planejar sua vida com o mínimo de interferência, desempenhar seu papel num jogo em que as regras não mudem da noite para o dia e sem aviso, agir razoavelmente e esperar pelo melhor⁸⁹.

Nesta realidade, entendo que a igreja precisa fazer uma “opção preferencial pelos adolescentes e jovens”, pois com o dismantelamento das institucionais que lhe conferiam um sentido de segurança, incluindo suas famílias, o jovem necessita muito mais do que de recursos de auto-ajuda, precisa de comunhão, precisa de outros, precisa do OUTRO. Precisa muito mais do que conselheiros, precisa de um lugar, de um grupo, que seja seu, e no qual possa refletir sua vida e suas escolhas. Muito mais do que pregadores que acentuem e lembrem as fraquezas e insuficiências humanas, o ser humano necessita de um ambiente, de um lugar no qual possa, com liberdade, re-afirmar sua autonomia enquanto ser humano.

Entendo que, a partir de uma opção preferencial pelos adolescentes e jovens, a igreja poderá proporcionar este lugar no qual o jovem tenha um encontro consigo, com os outros e com o OUTRO. Um lugar que lhe servirá de apoio na construção de sua subjetividade, de sua identidade e de um sentido para sua vida, e que lhe permita olhar para além de seu horizonte pessoal. Talvez seja justamente este anseio que esteja oculto em sua renovada busca por uma experiência religiosa na atualidade.

⁸⁸ BAUMAN, 1998, p.221-222.

⁸⁹ BAUMAN, 1998, p.38.

Ao invés de rejeitar e combater os pressupostos da pós-modernidade como demoníacos, a igreja precisa se saber inserida nesta realidade e entender que ali ela tem uma vocação.

Neste sentido, a Igreja aprende da pós-modernidade que o mais importante não está na enunciação *verbal* de uma utopia, mas, como diz Rovira, na inauguração *real* de um lugar “aparentemente” fora do mundo, embora, na verdade bem situado neste, onde, de maneira livre e gratuita, cheguem a ser reais, pela graça de Deus e a vocação dos homens, as virtudes cristãs⁹⁰.

O grupo de jovens poderá representar este lugar para o adolescente e para o jovem. E caso o grupo queira ser este lugar, ele precisa ser construído e formatado para tal. É claro que isto implicará em um novo passo da igreja na direção de seus jovens. Com uma proposta nesta direção, o cristianismo há de questionar sua expressão atual de significação do sagrado, buscando não abrir mão de sua mensagem, mas de contextualizá-la, tomando em conta os condicionamentos sociais, culturais, espirituais e políticos da atualidade.

Esta inserção levará o cristianismo a uma rearticulação de sua espiritualidade, para dentro da realidade que o jovem vive hoje. Para isso, terá de se despir de muitos de seus pressupostos e de muitas de suas verdades que se julgava serem eternas e imutáveis. “Mais que a rejeição total dos conceitos, uma teologia da pós-modernidade reclama a tarefa de busca de um novo universo de re-significação/re-simbolização do divino que tome a práxis da fé e do amor cristão como eixo central de interpretação da palavra de Deus e da Escritura”⁹¹. Uma teologia e uma espiritualidade que se encarnam na realidade e articulam uma palavra significativa para as novas gerações.

Esta nova espiritualidade tem de saber penetrar na dor e no conflito do mundo secular, porque Deus está também presente no meio da complexidade do mundo. Assim como recorda H. Cox, não encontramos Deus de costas voltado para o mundo, mas mergulhando-nos no mundo, com a certeza de que o encontro do homem com a divindade se realiza no mesmo encontro do homem com o homem, e, especialmente, no esforço para criar os sinais da chegada do Reino de Deus, que é reino de paz e de justiça⁹².

Ao invés de proporcionar a repetição da experiência vivida pela tradição, a experiência religiosa da pós-modernidade coloca ao alcance de cada indivíduo uma nova perspectiva, pois em lugar de celebrar a fraqueza humana, a concepção pós-moderna pressupõe a capacidade de realização humana. Ela possibilita uma espiritualidade que

⁹⁰ CASTIÑEIRA, 1997, p.175.

⁹¹ CASTIÑEIRA, 1997, p. 151.

⁹² CASTIÑEIRA, 1997, p.170.

proporciona a reconciliação do fiel consigo mesmo e com o seu entorno, e o conduz a uma vida com perspectiva de superação de suas limitações pessoais, familiares e sociais. Num grupo com esta perspectiva, poderá surgir, em meio às contradições da vida pós-moderna, uma forma de religiosidade que se caracteriza como uma oferta alternativa aos problemas gerados pela insegurança das escolhas a que o jovem está sujeito na atualidade.

O grupo poderá ser este lugar no qual a juventude poderá, numa experiência de troca e de construção coletiva, fazer sua própria experiência religiosa, que passe ao largo da tentação fundamentalista e do indiferentismo secularizado. Um lugar que proporcione uma experiência que leve o jovem para muito além de seu horizonte individual e individualizante. Um espaço religioso que, ao mesmo tempo em que proporciona um encontro com o sagrado, proporciona um encontro com o outro. Um espaço de comunhão. Um lugar no qual o lazer acontece associado à religiosidade. Lugar de construção da identidade individual, mas também da identidade coletiva e social. Espaço para construir o sentido da vida. Um lugar no qual se constrói o “eu”, mas ao mesmo tempo se constrói e se reforça o sentimento e a consciência do “nós”.

3.4 O Grupo de Adolescentes e Jovens como LUGAR para vivenciar o Sagrado

A pós-modernidade com seus pressupostos exerceu uma influência determinante no ser humano, modificando em boa medida sua visão de mundo e seu modo de ser, de agir e na maneira como ele se articula cultural e socialmente. O que precisamos nos perguntar, no entanto, é se em sua essência, em sua busca por sentido para sua vida, ele é diferente em comparação com outros períodos da história. Haveria, neste aspecto, algo de novo debaixo do sol? Teria o ser humano em sua percepção subjetiva e, quem sabe, inconsciente, a noção de que a experiência religiosa é fator imprescindível para encontrar o sentido da existência?

Dietrich Bonhoeffer, um teólogo luterano alemão, que viveu entre 1906 e 1945, ano em que foi martirizado pelo nazismo por conta de sua postura diante do III Reich. Ao discutir a religião e a religiosidade, ele faz uma descrição antropológica, e cuja exatidão creio que transcende ao seu tempo de vida, tanto na direção do passado quanto do futuro, no qual nos encontramos hoje:

O ser humano vive inserido no mundo com suas perguntas, seus medos, suas confusões, suas inseguranças. Ele conhece sua culpa e está consciente a respeito da realidade da morte, que se aproxima, dia após dia. Nesta situação, ele se encontra impotente, e ele apela para Deus, que tem todo o poder, e “que tudo faz de acordo

com seu próprio agrado”[...]. Deus pode lhe responder, e Deus efetivamente lhe responde com seu perdão, com o pão de cada dia e com a esperança em relação a uma vida após a morte ⁹³ (tradução própria).

Precisamos resistir à tentação de excluir a experiência com o sagrado para os limites da vida humana, para ali onde Deus se transforma em último recurso diante do fracasso. É preciso perceber a presença do sagrado no dia-a-dia da vida e da história e decodificar a sacralidade dos rituais no cotidiano de cada um.

A constatação de que a pós-modernidade provocou mudanças na consciência das pessoas faz com que nos demos conta de que muitos dos referenciais da igreja cristã foram colocados em xeque. O que antes era convicção, hoje é opção. Os mandamentos divinos passaram a ser sugestões divinas. Muitas igrejas são orientadas por aquilo que *dá* certo e não por aquilo que *é* certo. O pragmatismo missionário e um novo poder de caráter político, econômico e tecnológico estão cada vez mais presentes no seio da igreja, esvaziando o significado da oração e o sentido de interioridade. Em muitas igrejas, que se autodenominam cristãs, confia-se mais nos recursos, nas habilidades e no carisma de algum “pastor iluminado” do que na própria divindade. Confunde-se a autoridade do pastor com a de Deus. As ferramentas ideológicas, tecnológicas e de persuasão tornaram-se imprescindíveis e, ao que parece, são consideradas mais eficientes do que a comunidade e a comunhão.

A busca pela experiência com o sagrado por parte do jovem é terreno fértil para o surgimento e o crescimento de ofertas no âmbito do divino. A realidade da fluidez dos relacionamentos humanos que ele vivencia aprofunda esta busca. E a resposta oferecida em não-poucos ambientes religiosos, que colocam a Deus como sendo uma “energia” ou um “ser superior”, não satisfaz, pois ela mescla proximidade e distanciamento. Há que se ter cuidado com a própria conceituação “Deus pessoal”, de origem judaico-cristã, pois com a constatada fluidez dos relacionamentos humanos, poderia ocorrer uma projeção da realidade humana para a realidade divina, e Deus ser encarado como alguém que hoje está presente, mas que amanhã possa estar ausente. E até mesmo a denominação clássica “Deus-Pai”, poderia ser afetada pela nova configuração familiar da pós-modernidade.

⁹³ BONHOEFFER, Dietrich. Religion und religiöses Christentum. IN: WEILAND, J. Sperna. **Orientierung - Neue Wege in der Theologie**. Stundenbücher, Band 94. 1970. Furche Verlag. Germany, p.74: *Der Mensch lebt in der Welt mit seinen Fragen, seinen Ängsten, seinen Verwirrungen, seinen Unsicherheiten. Er weiss von seiner Schuld und weiss vom Tod, der naht, Tag für Tag. Er ist in dieser Situation machtlos, und er klopft bei Gott an, der ja alle Macht hat, und “der alles tut nach seinem Wohlgefallen” [...]. Gott kann ihm Antwort geben, und Gott gibt ihm Antwort mit seiner Vergebung, mit dem täglichen Brot und mit der Aussicht auf ein Leben nach dem Tod.*

Os grupos e tradições religiosas precisam compreender e aceitar que, por melhor que elas articulem o que o ser humano busca, elas sempre são uma tentativa parcial e impura de materialização e concretização da religiosidade humana essencial, razão pela qual também suas respostas o serão. Um sinal concreto desta realidade, quem sabe, sejam as manifestações religiosas da atualidade, mormente entre jovens. Elas misturam os ideais da vida jovem com os pilares da religião. Os dogmas da juventude como o prazer, que cultiva a beleza e a estetização, são elementos presentes nas manifestações religiosas.

Somos devedores da pós-modernidade quando ela, como resultado do estado de coisas criado pela carência de certezas absolutas, permitiu um novo diálogo entre fé e razão, pois foi colocado um limite às pretensões totalizantes da razão iluminada. O que nos permite buscar por uma experiência religiosa que não queira objetivar Deus, mas vê-lo como alguém que é uma presença em nosso cotidiano e que nos vê face a face. O discurso e a experiência proporcionados pela fé cristã não será pronta e cristalizada, como é a da religião que se deixou contagiar pela cultura-espetáculo dos anúncios. Ela será uma proclamação concreta de salvação, que não encara os indivíduos como multidão e sim como pessoas concretas⁹⁴.

Este é o diferencial que um grupo de jovens, movido pela fé cristã, poderá acrescentar à experiência religiosa proporcionada ao público juvenil. Não um Deus que se encontra nos limites inalcançáveis pelo ser humano, nem um Deus que se encontra à margem da vida humana e dos acontecimentos históricos, mas um Deus encarnado, presente na vida e nos acontecimentos que a envolvem. Um Deus que se revela no cotidiano da vida humana, como Emanuel, “Deus conosco”.

A espiritualidade que se edifica neste contexto é inserida na realidade, mas não refém dela. Ela revela que amar a Deus não é amar um objeto, mas reconhecer que Deus mesmo é a lógica dominante em nosso próprio ato de amor⁹⁵. Ali há de se vivenciar um cristianismo que:

[...] ouse recordar a origem, assinalar a promessa não possuída, denunciar a constante criação de novos ídolos, as atitudes desesperançosas, sem que, por isso, tenha de deixar de reconhecer as próprias inseguranças. O cristianismo se torna eloqüente quando manifesta a presença e a ação de Deus, quando é capaz de narrar e demonstrar o amor de Deus⁹⁶.

Não seria o grupo de jovens um lugar especial para esta vivência? Num grupo de jovens com estes pressupostos, há de ser despertada uma consciência que vá além do

⁹⁴ CASTIÑEIRA, 1997, p. 149.

⁹⁵ CASTIÑEIRA, 1997, p. 149.

⁹⁶ CASTIÑEIRA, 1997, p. 174.

individual e que se saiba inserida em uma realidade social. Ali há de ser percebido que o compromisso também tem uma dimensão de prazer. Ali será possível viver uma pedagogia do tempo, através da qual se tornará possível pensar e construir a vida numa dimensão estendida e não imediatista. A própria relação afetiva se constrói ao longo do tempo. Ali se tornará possível construir relações reais ao invés de virtuais. Ali se permitirá uma postura crítica em relação à sociedade do simulacro e do espetáculo.

A relação com Deus permitirá perceber que há vida além de si mesmo. Que há algo de que não se pode abrir mão, na relação com os outros, no compromisso, na relação com o OUTRO, no amor. Para Bonhoeffer:

Nós não podemos dizer quando vai acontecer, mas virá o dia em que o ser humano será chamado a proclamar a Palavra de Deus de tal forma, que o mundo será transformado e renovado por meio dela. Haverá uma nova linguagem, quem sabe totalmente não-religiosa, mas libertadora e redentora, como a linguagem de Jesus... a linguagem de uma nova justiça e de uma nova verdade, uma linguagem que proclama a paz de Deus com as pessoas e a chegada do seu reino. Até então valerá: esperar e fazer o que nos cabe fazer. A situação nos lembra a época de Isaías e seus discípulos, na qual o acesso à Lei de Deus lhes era vedado. (Isaías 8.16-17) ⁹⁷. (tradução própria).

Entendo que Bonhoeffer visualizou nosso tempo de modo profético. Pois estamos inseridos em uma realidade que não pode prescindir da PALAVRA. Do OUTRO. Ele Imaginou uma prática de fé que pode encontrar abrigo nos nossos grupos de adolescentes e jovens.

3.5 Princípios para o Trabalho com Adolescentes e Jovens

No horizonte desta configuração cultural e social, será preciso articular modelos que respondam às necessidades dos adolescentes e jovens. Modelos abertos que evidentemente não podem ter a pretensão de serem válidos em todos os contextos e em todos os tempos. Modelos que tragam em sua essência uma “opção preferencial pelos jovens” e que necessariamente irão se configurar de modo livre e flexível nas diferentes realidades. Marcelo

⁹⁷ BONHOEFFER, Dietrich, Die nicht religiöse Interpretation der Bibel. IN: WEILAND, 1970, p.81: *Wir können nicht sagen, wann es geschehen wird, aber es wird der Tag kommen, an dem Menschen gerufen werden, dass Wort Gottes so zu sagen, dass die Welt dadurch verändert und neu wird. Es wird eine neue Sprache sein, vielleicht vollkommen nicht-religiös, aber befreiend und erlösend, wie die Sprache Jesu... die Sprache einer neuen Gerechtigkeit und einer neuen Wahrheit, eine Sprache, die den Frieden Gottes mit den Menschen und das kommen seines Reiches verkündigt: “Bis zu dieser Zeit gilt: warten und tun, was wir zu tun haben. Die Situation erinnert an die von Jesaja und seinen Schülern in der Zeit, in der die Thora versiegelt war. (Jes.8.16-17).*

Gualberto⁹⁸, líder nacional de um trabalho com jovens, denominado de Mocidade para Cristo – MPC - aponta para alguns princípios que, segundo ele, representam uma contribuição importante na articulação de grupos de adolescentes e jovens em nossos dias. Ele identifica cinco princípios diferentes, a partir da prática do próprio Jesus em seu encontro com um jovem, o jovem rico, descrito em Marcos 10.17-22⁹⁹.

a) Princípio da Porta Aberta¹⁰⁰. Jesus, ao se encontrar com o jovem rico, teve uma atitude significativa com relação a ele. Jesus parou, ouviu e dialogou e deu atenção a ele. Jesus parou de fazer o que estava fazendo, deu-lhe atenção exclusiva, mesmo que estivesse cercado de outras pessoas e concentrou-se no diálogo com ele. Qualquer grupo de jovens que queira ter a possibilidade de se proporcionar um lugar, precisa assumir este princípio, que se caracteriza pela adoção de três atitudes bem concretas: Parar, ouvir e dialogar.

b) Princípio da Mente Aberta¹⁰¹. O jovem rico questionou Jesus. Este, não se fechou ao seu questionamento, mas levou-o a sério e respondeu com franqueza e transparência. O jovem da pós-modernidade tem muitos questionamentos. Ele busca por um lugar, em que ele possa expressá-los e no qual ele encontre alguém com a mente suficientemente aberta para ele. Nossos grupos de jovens e suas lideranças precisarão manter uma mente aberta.

c) Princípio do Coração Aberto¹⁰². Em seu encontro com o jovem rico, Jesus demonstrou ter um coração aberto, apesar de sua atitude questionadora. Com sua atitude, Jesus demonstrou ao jovem estar fazendo um esforço consciente para compreender sua situação. Na realidade em que vivemos, “o coração dos pais e da igreja precisa estar aberto para amar os jovens e fazer uso dos seus dons e talentos, ao invés de amar os seus dons e talentos e usar os jovens”¹⁰³.

d) Princípio da Bíblia Aberta¹⁰⁴. Em seu encontro com o jovem, após parar para ouvi-lo e dialogar com ele, Jesus se mostra aberto para seus questionamentos e pronto para caminhar com ele, levando-o a sério. Mas Jesus não perde o foco, e não caminha com ele apenas por caminhar. Ele o convida para um olhar para o Deus que se revela na Escritura, para uma jornada de discípulo e de compromisso com o próprio Jesus. Creio que hoje o grupo de jovens também precisa saber o que quer, fugindo da tentação de ser um mero lugar de

⁹⁸ GUALBERTO, Marcelo. **Amigo da Tchurma**. Niterói: Vinde. 1993. p.10-25.

⁹⁹ A BÍBLIA SAGRADA, 2000, p.64 (Novo Testamento).

¹⁰⁰ GUALBERTO, Marcelo, 1993, p. 10-11.

¹⁰¹ GUALBERTO, Marcelo, 1993, p. 14.

¹⁰² GUALBERTO, Marcelo, 1993, p. 18-19.

¹⁰³ GUALBERTO, 1993, p. 19.

¹⁰⁴ GUALBERTO, 1993, p. 21.

entretenimento, o que acabaria transformando-o como tantos outros lugares da pós-modernidade, que apenas são um “não-lugar”.

e) Princípio da Mão Aberta¹⁰⁵. Quando o jovem rico, decepcionado, seguiu seu caminho, Jesus não tentou segurá-lo a qualquer preço, com medo de alguma eventual concorrência. Ele adota uma atitude de mão aberta que não constrange a ficar quem não esteja disposto a segui-lo. Mas, ao mesmo tempo, mantém-se de braços abertos para os que vêm a ele, sem qualquer sombra de revanche. Atitude esta que precisa se encontrar no horizonte de nossos grupos hoje.

Entendo que estes princípios podem ser encarados como ferramentas no trabalho com adolescentes e jovens, jamais como receitas prontas e infalíveis. Cada comunidade que verdadeiramente eleger o trabalho com adolescentes e jovens como uma opção preferencial, há de construir um lugar, um espaço que, consideradas as peculiaridades locais, há de ser significativo e relevante para os que buscam por um lugar que seja uma porta aberta, onde haja pessoas com mentes e corações abertos, onde haja coragem para abrir a Bíblia para uma leitura contextualizada e onde se encontre lideranças que sejam referenciais por terem a sua mão aberta.

3.6 Experiências de Trabalho com Adolescentes e Jovens

Conforme constatamos anteriormente, muitos confirmandos na IECLB, após a sua confirmação, não encontram um grupo-lugar em sua comunidade. Outros até encontram um grupo, mas acabam por não aderir a ele, pois não conseguem identificá-lo como seu lugar. Para muitos deles, o ensino confirmatório já não é um lugar.

Em todos os tempos houve, também entre nós, homens e mulheres, em cujo íntimo ardeu uma preocupação sincera pelos adolescentes e jovens. Munidos pelos seus dons e talentos, e pela inquietude dos que amam a geração jovem, sempre de novo, buscaram encontrar caminhos e preparar um lugar, que os adolescentes e jovens pudessem adotar como o “seu lugar”, e com o qual pudessem se comprometer a tal ponto, de eles mesmos se envolverem na contínua construção e reconstrução deste lugar, porque ali tiveram uma experiência legítima com o sagrado e encontraram sentido para suas vidas.

Descrevo, a seguir, algumas experiências, no contexto das comunidades do Sínodo Centro-Sul Catarinense, que representam pequenas, mas significativas tentativas de proporcionar aos adolescentes e jovens um lugar. Experiências, em que, tanto o ensino

¹⁰⁵ GUALBERTO, 1993, p.24-25.

confirmatório quanto o grupo de jovens foram transformados num lugar que a geração jovem adotou como o “seu lugar”. Algumas delas transcenderam o modelo e o espaço tradicional de ensino confirmatório e do grupo de jovens. O que, aliás, é uma característica destes “lugares”. Eles acabam transcendendo a si mesmos e adquirindo uma característica missionária.

3.6.1 JE-Confirmandos: Ituporanga/SC.

A experiência de que um grande número dos adolescentes do ensino confirmatório não aderiu ao grupo de jovens após a sua confirmação motivou a liderança da igreja a refletir a situação e a pensar em um novo modelo. O índice de permanência no grupo de jovens após a confirmação não ia além de 15%. Abriu-se mão do caráter de aula (em que o adolescente já está durante a semana inteira), e aos encontros foi dado um caráter de grupo de convívio, do qual fazem parte: Música (integrantes são desafiados a assumir), reflexão em forma de diálogo contextualizado em relação ao tema previsto no antigo currículo do ensino confirmatório e outros sugeridos pelos adolescentes. Além disso, há atividades físicas e esportivas, passeios, trilhas, acampamentos, retiros, etc. Cada grupo é acompanhado por dois casais, preparados para tal, e que assume a “paternidade” dos adolescentes. Após a adoção do novo modelo, o índice de permanência após o ensino confirmatório, no contexto urbano, passou a 60% e, no contexto rural, a 75%, mesmo que este não seja o critério único para determinar se ele é bom ou não. Entendo como sendo importante que os adolescentes encontraram no grupo o seu lugar; o grupo foi construído não em função de um currículo, mas dos próprios adolescentes e de suas necessidades; e eles passaram a enxergar o casal que os acompanha como pais auxiliares (padrinhos), com quem podem dialogar, o que muitos não conseguem com os próprios pais.

3.6.2 Missão Universitária Luterana: Florianópolis/SC

Trata-se de um lugar, em permanente construção, preparado para estudantes universitários no contexto da Universidade Federal de Santa Catarina, em Florianópolis/SC. O grupo procura acolher o jovem, neste período de transição, no qual deixa o convívio de sua família, seu grupo, sua cidade e é confrontado com o ambiente da metrópole e da universidade, tipicamente pós-moderno. O lugar acolhe o jovem universitário, independente

de sua opção religiosa. Cerca de 50 jovens têm uma participação regular durante o ano, e outros 30 circulam pelo lugar.

O grupo se reúne regularmente às quartas-feiras e aos sábados à noite. Além de muita música, acontece o compartilhar dos jovens e o diálogo em torno de um texto da Bíblia. A cada ano, o grupo escolhe um universitário como seu líder. Ao pastor da Comunidade da Trindade, cabe a tarefa do acompanhamento. Além dessas reuniões semanais, às quintas-feiras, é servido um almoço comunitário para os estudantes. Além das atividades corriqueiras do grupo, há outras opções de inserção: Banda de Música, Grupo de Ação Missionária, Grupo de Ação Diaconal, Estudo Bíblico e Discipulado. Além disso, há uma tentativa, relativamente bem sucedida, no sentido de inserir os jovens na vida da Comunidade da Trindade, que os acolhe.

3.6.3 Projeto Floresta Feliz: Rio Antinhas, Petrolândia/SC

É um projeto que existe há cerca de dois anos. Ele é construído para o público adolescente e jovem e, por extensão, às suas famílias. As atividades a ele relacionadas acontecem num espaço de bosque, pasto e lagoa, com cerca de 20.000 metros, cedido para tal por um membro da comunidade.

Na gênese do projeto, imaginava-se um lugar, de encontro, de estudo, de reflexão, de comunhão, de diálogo, de “juntos fazer”. Um lugar para ser e estar. Sempre que há um domingo de sol, acontecem programações na Floresta Feliz. Os casais que acompanham os adolescentes e jovens organizam a programação conjuntamente com a liderança jovem. Os encontros iniciam às 14h e se estendem até as 18h.

A Floresta Feliz pretende ser uma alternativa de “lugar” para construção de identidades, de crescimento pessoal e comunitário, de lazer e diversão. Em média, reúnem-se ali entre 25 a 40 adolescentes e jovens, além dos pais, que ainda muito timidamente vão se achegando.

3.6.4 Grupo de Jovens: Opção Preferencial: Ituporanga/SC

No contexto da Comunidade de Ituporanga, tomou-se a decisão de, no 2º semestre de 2007, fazer uma opção preferencial pelos jovens. Dois casais jovens foram escolhidos para acompanharem o grupo. Uma estagiária foi convidada para conviver com os jovens, com

dedicação exclusiva. A Comunidade adaptou seu espaço externo em função desta opção, preparando-o como um lugar agradável com opções de lazer, esporte e convívio. Foram investidos recursos financeiros e tempo para os jovens. A reunião semanal regular do grupo acontece aos sábados à noite. Dela fazem parte muita música, estudo de um texto bíblico, diálogo. A vida pulsa para além do encontro regular dos sábados: Aos domingos, acontecem saídas conjuntas, e durante a semana encontros para estudar e praticar esportes.

Outros grupos de interesse surgiram: Coreografia, Banda, Teatro, Discipulado, Oração. Uma vez que os jovens perceberam que o “seu lugar” não é um lugar estranho para a Comunidade, mas foi proporcionado com a iniciativa desta, a integração dos jovens na vida comunitária aconteceu naturalmente. O grupo cresceu, tanto com jovens ligados à Comunidade de Fé, quanto com outros, comprovando que quando nos é permitido constituir “um lugar”, ele acaba transcendendo a si mesmo e ampliando sua área de alcance.

3.6.5 Street Dance e Teatro: Palhoça/SC

Este é “um lugar” constituído no contexto do grupo de jovens da Comunidade da Ponte do Maruim na periferia de Palhoça. Na constituição deste “lugar” levou-se em conta o contexto no qual estes jovens estão inseridos, bem como o fato de que música e dança são elementos que naturalmente envolvem os jovens. Observou-se que o jovem da periferia se expressa, se comunica e se organiza através delas. O estilo preferencial é o Hip Hop e o Funk, ritmos com batidas fortes. Através deste “lugar” se proporciona ao jovem tremendamente “des-territorializado” da periferia, um encontro consigo, com os outros e com o OUTRO. Ali, os jovens do grupo têm oportunidade de desenvolver seus dons e talentos, de sentirem-se sujeitos, de tomar gosto pelo trabalho em equipe. Impressionante perceber o modo como este lugar, a exemplo dos anteriores, consegue transcender ao seu próprio espaço e alcançar outros jovens do bairro, em boa medida pelo fato de os integrantes do grupo estarem percebendo a necessidade de olharem para além de si mesmos.

Observada a disposição do jovem para atividades voluntárias e seu potencial para a dramatização, surgiu, no mesmo grupo, uma atividade teatral. Ela é uma oportunidade de desenvolvimento intelectual, emocional, social e espiritual. Nela, o jovem da periferia memoriza textos, perde a timidez e aprende a enfrentar imprevistos. E o mais importante, é despertado para o sentido pessoal e coletivo de sua vida.

Adolescentes e jovens, filhos de nosso tempo, buscam por um lugar, buscam por respostas, buscam por um encontro com o sagrado. No contexto de nossos grupos, creio que podemos lhes proporcionar as condições para que encontrem o que procuram. Um lugar que lhes proporcione oportunidade de uma nova vivência espiritual, que permita um encontro consigo mesmo, com o outro e com Deus.

É preciso uma verdadeira “revolução espiritual”: o abandono de uma espiritualidade – religiosa ou secular – que busca sair da condição humana para chegar a uma situação supra-humana, de plenitude e segurança absoluta, para uma espiritualidade vivida como um caminho que nos leva a descobrirmos a nossa condição humana e a nos reconciliarmos com ela. Essa reconciliação nos permite e ao mesmo tempo se dá na medida em que compartilhamos com outras pessoas e grupos os sofrimentos, medos e inseguranças (compaixão), e também esperanças, lutas e alegrias (solidariedade)¹⁰⁶.

¹⁰⁶ SUNG, Jung Mo. Economia e espiritualidade: por um outro mundo mais justo e responsável. In: **Um outro mundo é possível**. CONCILIUM – Revista Internacional de Teologia 308, ABDR, 2004/2005. p.126

CONCLUSÃO

Ainda que nem sempre o façam de modo consciente e explícito, os relatos históricos registram em suas entrelinhas as diferentes tentativas dos seres humanos em construir para si uma existência mais humana. Razão pela qual entendemos que, por detrás dos mais diferentes acontecimentos históricos, tanto os encarados como positivos quanto os negativos, se oculta a tentativa dos humanos em se fazerem mais humanos.

Nesta pesquisa enxergamos a trajetória humana em busca de uma maior humanidade a partir de três diferentes períodos: O Período da Pré-Modernidade ou da Providência, o Período da Modernidade Iluminista e o Período da Pós-Modernidade. Em nenhum deles, no entanto, o ser humano parece ter alcançado um êxito pleno em sua tentativa.

O Período da Pré-Modernidade, marcado pela Doutrina da Providência, fracassou em sua tentativa por acreditar que a intervenção divina levaria naturalmente a um bem-estar coletivo a partir do movimento progressivo da história. A expectativa de uma vida mais humana estava centrada na ação do sagrado neste mundo.

Já a Modernidade Iluminista centrou sua esperança na razão humana. Ela fracassou, visto que nos legou o século mais sangrento de toda a história humana, pois ceifou o maior número de seres humanos de que se tem registro em duas guerras mundiais. Ao lado disso, um expressivo e crescente contingente de pessoas vive em condições subumanas de marginalização e pobreza. O sonho de uma sociedade sem classes, com justiça social e igualdade parece ter fracassado completamente.

A Pós-Modernidade, herdeira da Modernidade Iluminista, parece propor uma nova utopia, ainda que não a admita. Em lugar de uma utopia social, surge uma utopia do corpo, do eu, do estético, narcisista e hedonista. Ela proclama a superação de conceitos tidos com verdades universais e absolutas e coloca em seu lugar as verdades individuais. Esta individualização leva a uma desmobilização e despolitização crescente dos seres humanos, e coloca a ênfase na cultura do fragmento, onde podem coexistir muitas verdades individuais. Cada um tem sua própria verdade e alimenta seu próprio sonho. A cultura do simulacro daí decorrente coloca em destaque o parecer em detrimento do ser. Ela produz um ser humano autocentrado, narcisista e hedonista. E este sujeito autocentrado perde a dimensão da presença do outro ao qual ele apenas enxerga na perspectiva do usufruto. Com isso, as relações

humanas são encaradas numa perspectiva mecânica, na qual o amor e a solidariedade tendem a desaparecer.

A Religião surge com um novo ímpeto neste contexto com uma configuração completamente diferente do modo como ela se articulava nos outros períodos da história. Ao mesmo tempo em que ela, como filha de seu tempo, se articula como uma religiosidade de arranjo pessoal, continua a exercer importante papel na construção da identidade dos sujeitos e em sua busca pelo sentido da existência.

A presença significativa da Religião no imaginário da adolescência e da juventude, no atual momento histórico, representa um grande desafio e uma grande possibilidade, tanto para os educadores quanto para os agentes pastorais que têm diante de si a tarefa de articular uma proposta de atuação que seja relevante para esta geração.

Quem quiser trabalhar com adolescentes e jovens, nos dias de hoje, de um modo eficaz e relevante, terá necessariamente que aprender a fazer uma leitura correta da realidade na qual estamos inseridos e dos paradigmas culturais que a regem. E, ao mesmo tempo, precisará procurar compreender o modo pelo qual a adolescência e a juventude, como construção social que são, articulam-se. Entendo que a partir desta compreensão, será possível construir um lugar significativo, no qual os adolescentes e jovens possam articular o encontro consigo mesmos, com o outro e com o sagrado. E isto, num contínuo processo de significação e re-significação de sua existência.

Uma proposta articulada nesta direção representa uma libertação de modelos antropocêntricos, consumistas e fundamentalistas presentes em tantas expressões religiosas. A inserção em um grupo que lhes proporcione um lugar significativo permitirá ao adolescente e ao jovem a descoberta de possibilidades de vida mais humana para além de si mesmo e a redescoberta do encanto com a vida. A oportunidade de uma relação madura com outros seres humanos permitirá que eles sejam vistos não mais como objetos de usufruto, mas como companheiros de jornada, em busca do sentido da vida.

O crescente e renovado interesse do adolescente e do jovem pela Religião representa, por si só, um fator motivador para a priorização da atuação com esta faixa etária no contexto das igrejas. Pois este interesse revela a busca por uma experiência real e significativa com o sagrado. Percebemos que a formulação e a materialização desta expressão religiosa por parte dos adolescentes e jovens transcende em muito ao modo tradicional em uso na maior parte das igrejas. Além disso, a própria realidade profana e secular se encontra tomada por um linguajar religioso. Neste contexto, torna-se imperativo que as igrejas estejam dispostas a re-articular sua espiritualidade, a re-adequar suas propostas e modelos e a re-construir suas metodologias.

Mas este será um esforço compensador. A experiência do encontro consigo mesmo, com o outro e com o sagrado possibilitará a construção de um novo cotidiano, em que haja lugar para a alteridade e para a solidariedade. Nesta perspectiva, as igrejas poderão dar uma contribuição importante para a re-politização dos sujeitos e para a re-mobilização destes para as causas sociais e coletivas, e, com tudo isso, colaborar para a construção de uma existência com substância para os indivíduos

REFERÊNCIAS

A BÍBLIA Sagrada. Tradução de João Ferreira de Almeida. ed. rev. e atual. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2000.

ALVES, Rubem. **O Enigma da Religião**. Campinas: Papiros, 1988.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

BAUMANN, Zygmunt. **O Mal-Estar da Pós-Modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

BIRMAN, Joel. **Mal-estar na atualidade: A psicanálise e as novas formas de subjetivação**. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2.000.

BONHOEFFER, Dietrich. Religion und religiöses Christentum. In: WEILAND, J. Sperna. **Orientierung: Neue Wege in der Theologie**. Stundenbücher, Band 94. Hamburg: Furche Verlag, 1970, p.67-82.

CASTIÑEIRA, Àngel. **A experiência de Deus na pós-modernidade**. Petrópolis: Vozes, 1997.

CELAM, Conselho Episcopal Latino Americano. **Pastoral da Juventude: Sim à Civilização**. São Paulo: Paulinas, 1987.

CONSTITUIÇÃO DA IECLB. 2.ed. Blumenau: Centro de Literatura da IECLB,2005.

DAUNIS, Roberto. **Jovens – Desenvolvimento e Identidade**. São Leopoldo: Sinodal, 2000.

FOLLMANN, José Ivo. O mundo das Religiões e Religiosidades: alguns números e apontamentos para uma reflexão sobre novos desafios. In: SCARLATELLI, Cleide C. da Silva; Streck, Danilo R; FOLLMANN, José Ivo (Org.). **Religião, cultura e educação**. São Leopoldo: Unisinos, 2006. Coleção Humanitas, p, 11-28.

FRAAS, Hans Jürgen. Teorias sobre a religiosidade. In: SCARLATELLI, Cleide C. da Silva; STRECK, Danilo R.; FOLLMANN, José Ivo (Org.). **Religião, cultura e educação**. São Leopoldo: Unisinos, 2006. Coleção Humanitas, p.41-56.

FRANKL, Viktor. **A presença ignorada de Deus**. 7. ed. São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes, 2003.

FROMM, Erich. **Análise do Homem**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.

GUALBERTO, Marcelo. **Amigo da Tchurma**. Niterói: Vinde, 1993.

KLIEWER, Gerd Uwe. DNAJ. **Grupos e Participação na IECLB: Trabalho com Jovens.** São Leopoldo: 2003.

LIBÂNIO, João Batista. O sagrado na pós-modernidade. In: COLIMA, Cleto (Org.). **A sedução do sagrado.** Petrópolis: Vozes, 1998.

LYON, David. **Pós Modernidade.** São Paulo: Paulus, 1998.

NIETZSCHE, Friedrich. **Also sprach Zarathustra: Ein Buch für alle und keinen.** 3 ed. Augsburg: Goldmann Verlag 1996.

NOVAES, Regina. Juventude, percepções e comportamentos: a religião faz a diferença? In: ABRAMO, Helena Wendel; BRANCO, Pedro Paulo Martori (Org.). **Retratos da juventude brasileira: análise de uma perspectiva nacional.** São Paulo: Instituto Cidadania e Fundação Perseu Abramo, 2005.

OTTO, Rudolf. **O sagrado: os aspectos irracionais na noção do divino e sua relação com o racional.** São Leopoldo: Sinodal/EST; Petrópolis: Vozes, 2007.

PERESSON T., Mario L.. Pedagogias e culturas. In: SCARLATELLI, Cleide C. da Silva; STRECK, Danilo R.; FOLLMANN, José Ivo (Org.). **Religião, cultura e educação.** São Leopoldo: Unisinos, 2006. Coleção Humanitas, p.57-107.

PETRY, André. Religião: como a fé resiste à descrença. **Revista Veja.** São Paulo, ano 40, n. 51, p.70-85, 2007.

REGO, Tereza Cristina. **Vygotsky: Uma perspectiva histórico-cultural da educação.** Petrópolis: Vozes, 2001.

REVISTA VEJA. **Edição Especial: Jovem.** São Paulo: Abril, 2003.

ROUANET, Paulo Sérgio. **As razões do iluminismo.** São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

SANTOS, Jair Ferreira. **O que é pós-moderno.** São Paulo: Brasiliense, 1986.

SINODO CENTRO-SUL CATARINENSE. **Missão: um desafio sinodal.** Florianópolis: 2003.

SUNG, Jung Mo. Economia e espiritualidade: por um outro mundo mais justo e responsável. **CONCILIUM: Revista Internacional de Teologia,** Petrópolis, n.308, p. 117-126, 2004/2005.

THUMS, Jorge. **Ética na educação: filosofia e valores na escola.** Canoas: Ulbra, 2.003.

VATTIMO, Gianni. **Depois da cristandade: Por um cristianismo não religioso.** Rio de Janeiro, São Paulo: Record, 2004.

VILELA, Diogo. Variedades. **Diário Catarinense: Florianópolis,** ano 23, n. 7924, p.1-12, 2008.

WILKIPÉDIA, a enciclopédia livre. **A Demografia do Brasil**. Disponível em http://pt.wikipedia.org/wiki/Demografia_do_Brasil. Acesso em 28/12/2007.